

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA**

LUCIANE SANTOS CARNEIRO

**O RESGATE SOCIOMÉTRICO DO PAPEL SOCIAL DE MÃE NA
FAMÍLIA**

**SÃO PAULO
2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA**

LUCIANE SANTOS CARNEIRO

**O RESGATE SOCIOMÉTRICO DO PAPEL SOCIAL DE MÃE NA
FAMÍLIA**

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicodrama nível I – convênio: SOPSP-PUC/SP, foco psicoterápico, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Psicodrama, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosalba Filipini.

**SÃO PAULO
2015**

LUCIANE SANTOS CARNEIRO

O RESGATE SOCIOMÉTRICO DO PAPEL SOCIAL DE
MÃE NA FAMÍLIA

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicodrama nível I, do Convênio SOPSP- PUC/SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Psicodrama.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr.(a) Rosalba Filipini

Prof. Ms.(a) Maria Célia Malaquias

Prof. Maria Angélica Sugai

Dedico este trabalho a todos os amigos, familiares, professores, a orientadora: Rosalba Filipini, ao meu marido: Assemir e principalmente à Mara por ter aceito fazer parte deste trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por me conceder saúde e vitalidade para que este trabalho pudesse ser realizado.

Ao convênio SOPSP/PUC, por ter me proporcionado o conhecimento da visão de homem Moreniana.

À minha Orientadora Prof^a. Dr^a. Rosalba Filipini, por sua dedicação e auxílio em todas as etapas deste trabalho e às Professoras, Maria Celia Malaquias e Maria Angélica Sugai, por aceitar prontamente o convite à banca.

À Izilda e Heloisa pessoas especiais por seus auxílios e carinho.

Agradeço imensamente àqueles com quem convivi ao longo de minha jornada acadêmica, aos amigos e familiares que de forma direta ou indireta me propiciaram desenvolvimento pessoal e ainda contribuíram para o alcance de meus objetivos.

E finalmente agradeço especialmente ao meu marido Assemir, por todo carinho, amor, estímulo e compreensão nos momentos de ausência para que fosse possível a conclusão deste trabalho de conclusão.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo resgatar o papel social de mãe na família como forma de reestabelecimento de vínculos. Como objetivos específicos buscou-se facilitar a circularização dos mesmos; demonstrar como o resgate da espontaneidade e criatividade favorecem o estabelecimento de vínculos mais télicos, podendo levar a uma reorganização sociométrica dos papéis vivenciados; e estabelecer nova rede sociométrica como forma de resgatar o papel de mãe. A metodologia empregada foi o psicodrama por meio da socionomia. Adotou-se diante dos objetivos o delineamento de pesquisa exploratória, pois esta consiste na exploração de um fenômeno; qualitativa por esta centrar-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. As fontes de informações foram por meio de pesquisa bibliográfica. O procedimento técnico adotado foi de estudo de caso, por este permitir um amplo e detalhado conhecimento de um caso específico. Foi possível concluir que para resgatar o papel de mãe em uma relação que se estrutura pelo aspecto simbiótico, se faz necessário facilitar a identificação desse vínculo, trabalha-lo e favorecer a circularização de novos vínculos para que se possa sair da dependência e gerar relações mais saudáveis. O caminho para que isto aconteça é resgatando a espontaneidade e criatividade favorecendo vínculos mais télicos e desta forma promover e reorganizar a sociometria.

Palavras-Chave: Psicodrama, Teoria de Papéis, papel social de mãe, sociometria, vínculo.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	viii
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	1
2.1 – Resgate histórico da vida e obra de Jacob Levy Moreno.	1
3 - CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA SOCINÔMICA	6
3.1 – Socionomia	6
3.2 – Matriz de Identidade	7
3.3 – TEORIA DE PAPÉIS	11
3.1.1 – Papéis Psicossomáticos	12
3.3.2 – Papéis Sociais e Psicodramáticos	13
3.3.3 – Papéis Imaginários e Papéis de Fantasia	14
3.3.4 – Desenvolvimento de Papéis	14
3.4 – CRIATIVIDADE E ESPONTANEIDADE	15
3.5 – CONSERVA CULTURAL	16
3.6 – ENCONTRO	17
3.7 – COCONCIENTE E COINCONSCIENTE	18
3.8 – SOCIOMETRIA	20
3.8.1 – Átomo Social	21
3.8.2 – Redes sociométricas	23
3.8.3 – Tele e Transferência	23
4 - VÍNCULOS: SUAS FORMAÇÕES E ALTERAÇÕES	26
4.1 – O Desenvolvimento da Relação, Vínculo e afetividade	26
4.1.2 – Vínculo e a Lógica Afetiva de Conduta	27
4.1.3 – Vínculo Simbiótico e o Desenvolvimento da Personalidade Segundo Fonseca Filho	29
5 - METODOLOGIA	31
6 - APRESENTAÇÃO DO CASO	35
7 - ANÁLISE E DISCUSSÃO	49
8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
9 - REFERÊNCIAS	57
10 - ANEXOS	60

1 - INTRODUÇÃO

O interesse pelo psicodrama surgiu na graduação, no curso de psicologia, por meio de um professor psicanalista que ministrava a matéria de Psicologia Comunitária. Em uma única aula ele falou um pouco sobre o psicodrama. No quinto semestre da graduação em psicologia, o meu interesse pelo psicodrama foi reforçado por uma matéria chamada: Dinâmica de Grupo. Nesta matéria os alunos teriam que formar grupos para a realização de alguns seminários, o meu grupo ficou com o seminário sobre psicodrama. A partir deste momento conheci um pouco do que era o psicodrama, conheci os atos realizados no centro cultural e decidi que iria fazer minha especialização nesta abordagem.

A escolha deste tema ou deste estudo de caso especificamente deu-se pelo fato de perceber a evolução da paciente, sua transição de sobrevivente à vivente. O quanto ela manteve sua centelha divina acesa, ainda que muito fraca no momento do início da psicoterapia, mas com uma garra (que talvez nem ela mesma pudesse perceber) de reacender ou de fortalecer sua centelha divina, que segundo Moreno todos nós temos desde o nascimento, mas que por algum motivo perdemos ao longo do nosso caminho. Diante de tanto sofrimento e violência vivida, essa centelha enfraqueceu, mas não se apagou.

Para a elaboração deste trabalho foram realizados os seguintes capítulos:

Primeiro capítulo: resgate histórico da vida e obra de Jacob Levy Moreno, neste capítulo será abordado um pouco da vida e da obra do fundador da sionômia. No segundo capítulo conceitos básicos da teoria sionômica, será abordado os principais conceitos da sionômia que permearão o estudo de caso. O quarto capítulo vínculos: suas formações e alterações, busca descrever sobre a forma como ocorre os vínculos e as alterações que podem comprometer uma relação saudável.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Resgate histórico da vida e obra de Jacob Levy Moreno.

Jacob Levy Moreno foi um Médico e Psiquiatra nascido em Bucarest, na Romênia, filho mais velho de Paulina Iancu e Moreno Nissim Levey. A relação de Moreno com o pai foi distante, uma vez que este passava os dias viajando e tinha pouco tempo para a família. Por outro lado, a relação de Moreno com sua mãe era de muita proximidade. Paulina era muito afetuosa, calorosa, bem educada, poliglota, e socialmente ativa. Apesar de sua base religiosa, judia sefardim, tinha forte ligação com os valores cristãos, tendo Jesus como seu herói. Mas também era supersticiosa, acreditava em adivinhações de sonhos e sorte, consultava ciganas com frequência (Marineau, 1992).

Paulina tinha um laço especial com Moreno, sendo esse seu filho preferido. Com apenas um ano, Moreno teve raquitismo e como consequência não tinha apetite, perdeu peso e não podia andar. A iminência de morte de seu filho predileto fez com que Paulina ficasse deprimida e desesperada. Foi quando Paulina encontrou uma cigana que lhe diz para usar o seguinte tratamento: “vá buscar um pouco de areia fina. Ao meio-dia, quando o sol estiver escaldante, ponha a criança na areia. O sol curará a criança” e a cigana faz uma profecia “Chegará um dia em que esta criança se tornará um grande homem. Chegará gente de todo o mundo para vê-lo. Ele será homem sábio e bondoso Marineau (1992:29). Tais palavras fizeram com que Paulina acreditasse que Moreno não era uma criança comum.

A família de Moreno mudou-se para Viena quando ele tinha cerca de cinco anos. Foi neste período que realizou sua experiência de brincar de Deus. Moreno juntamente com outras crianças brincavam de “Deus e Anjos” a brincadeira consistia em um céu com vários planos, que eram formados por caixotes empilhados em cima de uma mesa com uma cadeira que representava o trono de deus. Moreno estava sentado quando um menino que representava um dos anjos solicitou que voasse e assim ele o fez, o

que ocasionou uma fratura no braço direito. A este episódio Gonçalves, *et al* relata que Moreno via com bom humor dizendo: “estava aí o embrião de sua idéia da espontaneidade como centelhas divinas em cada um de nós” (Gonçalves *et al*, 1988:11).

Gonçalves *et al* (1988) descrevem na obra *Moreniana* quatro momentos criativos: Filosófico e Religioso; Teatral e Terapêutico; Sociológico e Grupal e o Momento de organização e consolidação de sua obra.

Até o ano de 1920 a vida de Moreno foi marcada por suas características religiosas (Gonçalves *et al*, 1988).

O primeiro momento criativo de Moreno é marcado pela criação da teoria do ser, o seinismo, que fora inspirado por sua visão religiosa, o hassidismo (Ramalho, 2010). Entretanto, Marineau (1992) coloca que as inspirações religiosas que formularam a teoria de Moreno são advindas não somente de sua visão religiosa do Hassidismo, mas também do cristianismo, como podemos observar desde o brincar de Deus.

Entre 1907 e 1910, Moreno funda juntamente com alguns amigos a “Religião do encontro”, como forma de rebeldia para com os costumes estabelecidos na época, os membros usavam barbas e viviam pelas ruas, desta forma se assemelhavam aos mais pobres. Neste mesmo período Moreno percorria os jardins de Viena, onde fazia jogos de improviso com as crianças, favorecendo-lhes a espontaneidade (Gonçalves *et al* 1988).

Os jogos não somente faziam com que as crianças liberassem sua espontaneidade, mas também desafiavam os valores herdados dos pais e professores. As crianças passaram a questionar as normas estabelecidas a ponto de um grupo de crianças se recusarem a assistir a um filme e dizer que queriam sair para a natureza (Marineau, 1992).

Em 1912 Moreno já era estudante de Medicina e interno da Clínica Psiquiátrica de Viena quando conheceu Freud em um curso de Verão que este ministrava (Gonçalves *et al*, 1988). A data para tal encontro é questionada por Marineau (1992), pois segundo o autor há a possibilidade de que tenha ocorrido em 1914.

Deste encontro Moreno diz que Freud em determinado momento o questiona sobre sua atividade e a resposta de Moreno é:

... “Bem, Dr. Freud, comecei no ponto em que o senhor desistiu. O senhor atende as pessoas no ambiente artificial de seu consultório. Eu as encontro nas ruas, em suas casas, no seu ambiente natural. O senhor analisa seus sonhos e eu tento estimulá-las a sonhar de novo. Eu ensino às pessoas a representar Deus” (THE FIRST PSUCHODRAMATICA FAMILY, 1964:16-17 *apud* Marineau, 1992:44).

Para Moreno aqueles que são encarregados pelos cuidados dos pacientes, deveriam sentir-se à vontade para viver entre eles e estes deveriam promover um espaço em que os pacientes iriam atuar seus conflitos. O palco neste período era a comunidade, as ruas, os parques. Este era um posicionamento oposto ao clássico pensamento Freudiano a respeito da atuação (Marineu, 1992). Outro ponto destacado pelo mesmo autor é o fato de que Moreno não se focava nos aspectos inconscientes e sim nos conscientes, no aqui e agora, na criatividade da pessoa, o passado e as resistências do paciente não tinham grande destaque em sua teoria.

Podemos destacar no início da vida acadêmica de Moreno dois grandes trabalhos que foram considerados como o estopim de sua posterior metodologia de trabalho: o trabalho com as prostitutas de Viena que ocorreu em 1914 e propiciou a conscientização destas de sua situação e a posterior organização de uma espécie de sindicato. E em 1916 realizou um trabalho em um campo de refugiados tirolezes, observando as interações psicológicas entre os elementos do grupo (Gonçalves *et al*, 1988).

Em ambos os trabalhos podemos observar o esboço da psicoterapia de grupo. Entretanto, no trabalho com os refugiados Moreno começaria o que posteriormente descreveu como sociometria. Neste grupo haviam muitos problemas relacionados as questões religiosas, posição social, estilo de vida... Moreno defendia a relevância de considerar as preferências e afinidades das pessoas (Marineau, 1992).

Moreno formou-se em Medicina em 1917 e em 1920 de forma anônima escreve: “Das Testament des Vaters” (O testamento do Pai). Moreno via no teatro as

possibilidades de investigação experimental da espontaneidade. Fundou em 1921 o Teatro Vienense da Espontaneidade; desta experiência surge a base da Psicoterapia de Grupo e do Psicodrama e o Stegreiftheater, também chamado “laboratório Stegreif”. Este período foi considerado por Moreno uma transição de sua fase religiosa para a científica. A primeira sessão psicodramática ocorre no dia 1º de Abril de 1921, no Koö Hus de Viena, no período pós guerra. No teatro havia apenas uma cadeira de veludo vermelha e uma coroa. O tema era a busca de uma nova ordem de coisa, com o objetivo de testar os que aspirassem à liderança e aturariam como rei. E ninguém subiu ao palco. Segundo Gonçalves *et al* (1988:13) as palavras de Moreno para o episódio é de que “ninguém foi considerado digno de ser rei e o mundo permaneceu sem líder”.

No ano de 1923 com caso Barbara-Jorge ocorre a transição do teatro da espontaneidade para o teatro terapêutico e posteriormente para o Psicodrama Terapêutico (Gonçalves; *et al*, 1988).

Barbara era uma atriz que participava do teatro da espontaneidade e sempre representava papéis doces, românticos e ingênuos. Jorge era poeta e autor de teatro. Jorge e Barbara se casaram, no entanto, Jorge certa vez fala para Moreno que Barbara não era aquela mulher que representava, ela era agressiva e violenta. Moreno pede para que Barbara represente papéis mais vulgares e agressivos e Jorge relata a Moreno as mudanças no comportamento de Barbará, pois a partir das dramatizações ela havia se tornado mais calma (Marineau, 1992). Este é o marco da passagem do teatro da espontaneidade para o teatro terapêutico.

Em 1925 Moreno Imigra para os Estados Unidos e em 1931 introduz o termo Psicoterapia de Grupo. Este ano fica marcado como o início da Psicoterapia de Grupo científica. Neste mesmo período Moreno inicia seus trabalhos na escola de reeducação de jovens em Hudson, Nova York. Firmando neste trabalho o método sociométrico, pois Moreno estava preocupada em investigar e mensurar as relações interpessoais (Gonçalves, *et al*, 1988).

A data em que Moreno mudou-se para Beacon House é controversa, pois Gonçalves; *et al*, (1988) mencionam 1936 e Ramalho (2010) 1937. No entanto, o relevante é que neste período Moreno constrói o primeiro Teatro de Psicodrama,

realizando sessões de psicodrama público e a formação de profissionais em psicodrama (Gonçalves; *et al*, 1988). Outro ponto destacado por Ramalho (2010) são os principais livros publicados: “Quem sobrevivera? As bases da sociometria”, “Psicodrama”, “Psicoterapia de Grupo e Psicodrama” e “Fundamentos do Psicodrama”. E na década de 40 ocorre o lançamento da Revista Sociometria e da Sociedade Americana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (IAGP).

Moreno morre em 14 de maio de 1974 e em sua sepultura são gravadas (segundo seu pedido) as seguintes palavras: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria” (Gonçalves; *et al*, 1988:17)

Moreno foi muito envolvido com a arte e as questões ligadas às relações sociais. Todo esse envolvimento é anterior a vida acadêmica de Moreno por isso segundo Ramalho (2010) para que se possa conhecer a história do psicodrama e a sociometria é necessário conhecer a própria história de seu criador.

3 - CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA SOCIONÔMICA

3.1 – Socionomia

No período de consolidação de sua teoria Moreno desenvolveu a socionomia que é a “a ciência das leis sociais (ou o equivalente moderno de “lei”) ” (Moreno, 1993:33).

A palavra socionomia *Socius* tem origem no latim e quer dizer companheiro e nomia de origem grega *nómos* que significa: regra, lei. A socionomia surge com o objetivo de se constituir como uma nova sociologia que estuda as leis do desenvolvimento social e das relações sociais (Naffah Neto, 1997).

A criança desde seu nascimento é inserida em um conjunto de relações, que em um primeiro momento é constituído por sua mãe – que se torna seu primeiro ego-auxiliar - seu pai, irmãos, avós, tios, entre outros. A este grupo Moreno denominou de Matriz de identidade (Gonçalves *et al*, 1988)

Para Moreno todo indivíduo é social, pois vive em relação, ou seja, ainda que se observe um indivíduo isoladamente é necessário observar suas relações. A socionomia tem como objetivo estudar os comportamentos humanos em seus aspectos intra e interindividuais (Kaufman, 1992). Nery (2000:2)¹ descreve que “socionomia é a ciência que estuda os grupos e a articulação entre o individual e o coletivo” e esta demonstra “a importância do estudo do ser humano em constante movimento relacional e desenvolvimento”.

Na socionomia encontramos três ramificações que estão estreitamente ligadas. Segundo Moreno (1993) são: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

Sociodinâmica busca compreender a estrutura dos grupos sociais, isolados ou unidos. Emprega a interpretação de papéis (Moreno,1993). A sociodinâmica é o estudo do funcionamento, ou da dinâmica, das relações. Seu método de estudo é o role-playing, ou jogo de papéis que permite atuar dramaticamente diversos e novos papéis de maneira espontânea e criativa de forma a diminuir o medo e a ansiedade. Esse

¹ No Texto referido não consta a data de publicação. A data aqui apresentada, foi extraída do livro “Vínculo e Afetividade: Caminho das relações humanas” de Maria da Penha Nery, página 29”.

método é utilizado no treinamento de papéis como, por exemplo, o papel de mãe e de pai; os papéis profissionais, de médico, professor, psicólogo e outros (Gonçalves *et al*, 1988).

Sociometria: palavra originada do grego *metrein* e quer dizer: medir. Seu objetivo é medir as relações (Moreno, 1993). Os métodos utilizados são: Testes Sociométricos e o Teste Sociométrico de Percepção (Gonçalves *et al*, 1988).

Sociatria: a palavra sociatria vem do grego *iatreia* que significa terapêutica, tem como objetivo de tratar os sistemas sociais (Moreno, 1993). Kaufman (1992) se referindo a Moreno diz que os instrumentos utilizados na sociatria são: Psicoterapia de grupo, Psicodrama e Sociodrama.

3.2 – Matriz de Identidade

Para iniciar a explanação dos conceitos sacionômicos vamos primeiro falar de sua base: a matriz de identidade. A matriz de identidade é considerada por Moreno como a placenta social da criança, é o locus² onde ela mergulha suas raízes e que lhe proporciona segurança, orientação e serve como guia (Moreno, 1974). O conceito de placenta que na biologia seria o meio pelo qual a criança recebe da mãe os nutrientes necessários para sua sobrevivência é utilizado por moreno como forma de correlacionar a maneira como a criança é dependente direta do sistema social da mãe.

O desenvolvimento de um indivíduo ocorrerá no locus onde é inserido desde o nascimento, em sua relação com objetos e pessoas dentro de um determinado clima. É a partir do que a criança recebe do meio que é constituído por fatores materiais, sociais e psicológicos (as condições sócio-econômicas, o clima psicológico que envolve o ambiente, as expectativas sobre o papel que ela desempenhará: unir a família, cuidar dos negócios do pai, ajudar a mãe, realizar algum feito em que o outro fracassou) que a criança começa a viver o processo do qual irá, aos poucos, se reconhecendo como

² Locus é o local primário da experiência, o local do nascimento (Cukier, 2002:174 *apud* Moreno, 1984:105)

semelhante aos demais e como um ser único, idêntico a si mesmo (Gonçalves *et al* 1988).

Gonçalves *et al* (1988) se referindo a obra de Moreno, colocam que a criança ao nascer está inserida em um mundo denominado de Primeiro Universo, que está dividido em dois tempos.

Primeiro tempo do Primeiro Universo ou Período da Identidade Total. Neste a criança não diferencia pessoas de objetos, nem fantasia de realidade, para a criança só há um tempo que é o presente, todas as relações são de proximidade, a criança tem “fome de atos”, não existem sonhos, pois não há separação de objetos e pessoas e não há possibilidades de registros, esta fase corresponde à matriz de Identidade Total indiferenciada (Gonçalves *et al*, 1988:17).

A criança nesta fase necessita de um outro que se encarregue de seus cuidados básicos, ao sentir frio, fome ou dor, dependerá de outros que a sacie. Essa satisfação imediata neste período faz com que a criança não consiga distinguir o Eu do Tu, seja o tu um objeto ou um outro indivíduo, pois ela está misturada com o mundo que a circula (Fonseca Filho, 1980).

Moreno (1974) exemplifica essa fase dizendo que, para a criança os organismos vivos como: pessoas ou animais. Os objetos como: coisas inanimadas, alimentos ou artefatos mecânicos como a mamadeira, ainda não são dissociados. Para a criança tudo faz parte de uma fusão, ou seja, a mamadeira faz parte da mão e ambas pertencem aos lábios, no momento da amamentação.

No decorrer do desenvolvimento infantil a vivência totalizadora tende a diminuir, a criança passa a ganhar sua individualidade, sua identidade como pessoa e começa a reconhecer o outro, o Tu e o mundo. Na fase em que o autor denominou de Simbiose, a criança ainda não consegue se desvincular totalmente e estaria vinculada por uma forte ligação com a mãe. A permanência desta ligação ou o não desligamento definitivo, poderá gerar traços de personalidade em que o indivíduo não conseguirá formar uma identidade pessoal completa (Fonseca Filho, 1980)

Essa ligação seria para o desenvolvimento no adulto como a persistência de um cordão umbilical psicológico. Uma patologia entre o Eu e o Tu. Este fenômeno quer

dizer que os dois estão envolvidos diretamente na ligação. Portanto, assim como a criança apresenta dependência em relação a mãe, esta também apresenta dependência em relação ao filho, no entanto, a dependência criada nesta relação sai do campo das necessidades fisiológicas e passa para a dependência psicológica (Fonseca Filho, 1980).

O Segundo tempo do Primeiro Universo é denominado de Identidade Total Diferenciada ou Realidade Total. É caracterizada pela brecha entre fantasia e realidade, em que ocorrem dois conjuntos: os atos de realidade e atos de fantasia. Nesta fase a criança começa a diferenciar objetos de pessoas, iniciam alguns registros que possibilitam os sonhos, as relações começam a ter certa distância, tendo início a tele-sensibilidade (Gonçalves *et al*, 1988).

Nesta fase os objetos e indivíduos já começam a se separar. Entretanto, a criança ainda lhes atribui o mesmo grau de realidade. O indivíduo é capaz de diferenciá-los, mas os considera igualmente reais (Moreno, 1974).

Esta fase é a de reconhecimento do Eu ou fase do espelho e reconhecimento do Tu. A denominação desta fase como a “fase do espelho” é pelo fato de que a criança nesta fase ao se deparar com sua imagem diante do espelho, já tem a condição de perceber que o Bebê que outrora era outro, agora reconhece que aquela imagem é a sua. No momento do reconhecimento do Eu a criança começa a descobrir sua própria identidade, começa a ter consciência de seu corpo no mundo, se percebe separada da mãe. Aos poucos tem a condição de perceber proximidade e distância, os toques carinhosos e agressivos, relação e solidão, já consegue distanciar-se, afim de refletir sobre sua forma de relacionamento, sobre a forma de relacionamento do outro e sobre a relação como um todo (Fonseca Filho, 1980)

O reconhecimento do Tu, não é dissociado do reconhecimento do Eu, pois ao passo que a criança se reconhece, também reconhece que há um outro. A criança descobre que o outro sente e reage diante de suas iniciativas. Nesta etapa do desenvolvimento ocorre as relações em corredor, o Tu já não é mais somente a mãe, no entanto, há um tu de cada vez, as relações são exclusivas e possessivas, sente o Tu

como somente seu. Incide aqui uma pré-inversão de papéis, mas a inversão de fato não ocorre ainda (Fonseca Filho, 1980)

Nesta fase a criança passa pela crise da triangulação, em que se percebe não sendo a única para o Tu, existe um Ele. O Tu ao se relacionar com o ele, provoca na criança a sensação de perda, como se tivesse sido roubada e dependendo da comunicação entre os três elementos, pode haver um bom ou mal desfecho no complexo da triangulação. O desfecho ideal seria a compreensão de que os outros têm relacionamentos independentes dela e que este fator não implica em prejuízo ou perda de afetividade. Segundo o autor, nesta fase é possível observar a sanidade ou patologia na comunicação sociométrica triádica (Fonseca Filho, 1980)

Segundo Gonçalves *et al* (1988) Inicialmente Moreno descreve cinco etapas na formação da Matriz de Identidade:

- 1) “Fase da indiferenciação: onde a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só.
- 2) Fase onde a criança concentra a atenção no outro, esquecendo-se de si mesma.
- 3) Aqui ocorre o movimento inverso: a criança está atenta a si mesma, ignorando o outro.
- 4) Já nesta fase a criança e o outro estão presentes de maneira concomitante e ela já se arrisca a tomar o papel do outro, embora não suporte o outro no seu papel.
- 5) Nesta etapa já pode haver concomitância na troca de papéis entre a criança e a outra pessoa (inversão de papéis)” (Gonçalves *et al*, 1988:62).

Posteriormente Moreno resume as cinco etapas em três, juntando assim as de número dois e três e as de número quatro e cinco:

- 1) “Fase do duplo – que é a fase da indiferenciação e onde a criança precisa sempre de alguém que faça por ela aquilo que não consegue fazer por si própria, necessitando, portanto de um ego-auxiliar. Inspirando-se no *doublé* do cinema, Moreno chamou esta fase de DUPLO.
- 2) Fase do Espelho – onde existem dois movimentos que se mesclam: o de concentrar a atenção em si mesma esquecendo-se do outro e o de concentrar a atenção no outro ignorando a si mesma. Pelo fato de nesta fase a Criança ver sua imagem refletida na água ou no espelho e estranhá-la dizendo “olha o outro nenê”, Moreno deu a esta fase o nome de ESPELHO.
- 3) Fase de inversão – onde, em primeiro lugar, existe a tomada do papel do outro para em seguida haver a inversão concomitante dos papéis” (Gonçalves *et al* 1988: 62).

A terceira fase do desenvolvimento é denominada de: fase de inversão. A criança após ter superado a fase de triangulação é capaz de relacionar-se com mais pessoas, com os Eles e de sentir-se parte de um grupo, adentrando ao mundo do Nós. Esta fase representa a entrada da criança na vivência sociométrica dos grupos, na capacidade de efetivar relações de reciprocidade e mutualidade (Fonseca Filho, 1980).

No Primeiro tempo do Primeiro Universo ou Período da Identidade Total vivenciam-se os papéis psicossomáticos. E segundo Gonçalves *et al* (1988) é a partir do segundo tempo do Primeiro Universo que pode ser denominado: Identidade Total Diferenciada ou Realidade Total. Ou conforme a segunda postulação de Moreno, a fase do espelho, que são desenvolvidos dois novos conjuntos de papéis: os sociais e os psicodramáticos. E é no terceiro tempo com a presença das funções de realidade e psicodramática que surge o ego. Os cachos de papéis³ correspondem aos precursores do ego e formam os egos parciais, psicossomáticos, psicodramático e social (Gonçalves *et al* 1988).

3.3 – TEORIA DE PAPÉIS

Para Moreno os papéis surgem na Matriz de Identidade, que é a base psicológica para os desempenhos de papéis e um dos pilares da sionomia (Moreno, 1974; Gonçalves *et all*, 1988; Nery, 2000).

“O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (Moreno, 1974:27). Neste contexto Nery (2000) em concordância com Moreno, afirma que os papéis são as formas com que o indivíduo atua em relação ao meio. Por meio, é compreendido a natureza, os animais, os objetos, a tecnologia as outras pessoas e o mundo interno da pessoa.

Para Moreno (1974:25) “Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia emerge dos papéis”. De acordo com Nery (2000) esta concepção de Moreno parte do

³ O efeito cacho é a tendência a repetir papéis: conservados, espontâneos e criativos ou reescritos na história do indivíduo (Perazzo, 1994).

Menegazzo cita as revisões de Dalmiro Bustos acerca do conceito e diz que para este autor os papéis se agrupam segundo sua dinâmica formando agrupamentos de papéis (Menegazzo, 1995).

pressuposto de que a estrutura do ser humano ocorre por meio das relações e a psique é à-semântica e pré-verbal.

Moreno classifica os papéis em: papéis Psicossomáticos, que possibilitam ao indivíduo ter a noção de corpo; papéis psicodramáticos - que são os papéis psicológicos, ou seja, traz a noção de 'psique - e papeis sociais, que dão a dimensão do pertencer a uma sociedade (Moreno, 1974).

3.1.1 – Papéis Psicossomáticos

Alguns autores formulam sua teoria com base no papel psicossomático - é o caso de Bermudez (1980) e Victor Dias (1987, 1994) *apud* Nery (2000). A autora descreve que partir do conceito de papel psicossomático Bermudez (1980) criou a teoria do núcleo do eu. Victor Dias formulou a teoria da programação cenestésica.

Como mencionado anteriormente o papel psicossomático está ligado a primeira fase do desenvolvimento infantil na matriz de identidade. No desempenho dos papéis psicossomáticos, a criança estabelece contato com o mundo por meio de seu corpo a partir de suas necessidades fisiológicas e pode ser denominado segundo Bermudez como: papel de ingeridor, papel de defecador, de urinador, de dormidor e de respirador (Nery, 2000).

No entanto, um outro grupo de autores como: Mezher (1980), Perazzo (1984), (1999) e Bustos (1990) defendem que o papel psicossomático faz parte das funções vitais de todo indivíduo e os cuidados que são essenciais na primeira infância precisam ser realizados por um cuidador, sendo assim, é parte do papel social. Na visão de Mezher (1980) *apud* Nery (2000) os papéis psicossomáticos são as “funções vitais, essenciais e inerentes aos papéis sociais, principalmente ao papel de filho, no caso da criança”. Então, percebe-se que há algumas divergências em relação ao papel psicossomático e a discussão desse tema não é objeto dessa pesquisa.

3.3.2 – Papéis Sociais e Psicodramáticos

Os papéis sociais e papéis psicodramáticos ocorrem no segundo Universo, na fase da brecha entre a fantasia e a realidade, como forma de superar a fase de indiferenciação e de realidade total da matriz de identidade. Neste, inicia uma mudança fundamental, pois começa a surgir a função de realidade (Gonçalves *et al*, 1988).

Para Moreno (1974) o papel social é uma experiência interpessoal, ou seja, ocorre na relação entre duas ou mais pessoas. O papel social é a complementação de um outro papel, conforme exemplifica Nery (2000) médico/paciente, motorista/passageiro, avô/neto, cônjuges. Para a autora é na complementação de papéis que surgem os dramas humanos e define papel como sendo, a forma real que o Eu assume em seu contato com o meio. A autora descreve também os elementos privados dos papéis e diz que estes são a singularidade do desempenho de papéis sociais que são aprendidos na sociedade, por tanto, cada indivíduo tem seu jeito único de ser.

Em relação aos papéis sociais Perazzo (2010) diz que são todos os papéis desempenhados nas relações da vida cotidiana. Quanto aos papéis Psicodramáticos o autor descreve que são os papéis jogados apenas no cenário psicodramático, estes servem de ligação entre os papéis sociais e os papéis imaginários. Kaufman (1992) dá o seguinte exemplo: no papel social ocorrem os papéis de “pai, irmão, amigo” e no papel psicodramático ocorrem os papéis de “um pai, um amigo, Deus, etc”.

Alguns papéis foram revisados e outros foram pensados por alguns autores pós Morenianos. É o caso dos papéis imaginários, que foi revisto por Naffat Neto (1997); papel de fantasia, termo proposto por Perazzo (2010). Passaremos brevemente por estes conceitos que foram descritos por Perrazzo (2010) em seu livro *Psicodrama: o forro e o avesso* (2010), no entanto, para o desenvolvimento desse trabalho, utilizaremos o conceito de *Lógica Afetiva de Conduta*, trazido por Nery (2014).

3.3.3 – Papéis Imaginários e Papéis de Fantasia

Os papéis imaginários são os papéis conservados dentro da pessoa e não são atuados, podem ser conservados ou não pela transferência. É uma expressão conservada do desejo (Perazzo, 2010).

Os papéis de fantasia são os não atuados e não conservados pela transferência, nestes papéis muitas vezes a não atuação ocorre por falta de treinamento, e podem ser jogados fora do contexto dramático – nas situações espontâneas dos jogos infantis ou de adulto. Ou ainda dentro do cenário psicodramático – nos jogos psicodramáticos, teatro espontâneo, teatro de reprise, jornal vivo, grupos de role-playing, entre outros (Perazzo, 2010).

3.3.4 – Desenvolvimento de Papéis

Gonçalves *et al* (1988) faz referência ao conceito Moreniano de: Role-taking, Role-playing e Role-creating, dizendo que o processo de desenvolvimento de cada novo papel passa por estas três fases. Sendo assim descreve: “1) Role-taking – tomada do papel ou adoção do papel, que consiste em simplesmente imitá-lo, a partir dos modelos disponíveis. 2) Role-playing – é o jogo jogar o papel, explorando simbolicamente suas possibilidades de representação. 3) Role-creating – é o desempenho do papel de forma espontânea e criativa” o desenvolvimento dessas fases, dependerá do grau de liberdade ou de espontaneidade do indivíduo. Neste aspecto, sendo a característica da espontaneidade dar resposta frente a uma determinada situação ou dar repostas novas a velhas situações, um indivíduo que tenha a possibilidade de vivenciar e experienciar livremente seus papéis, podendo errar e acertar, tem maiores condições de desenvolver papéis mais criativos.

3.4 – CRIATIVIDADE E ESPONTANEIDADE

Segundo Sergio Perazzo (2010) muitos conceitos Morenianos são conflituosos e foram sendo revisados pelos autores pós Moreno. No entanto, o conceito de Espontaneidade e Criatividade não segue o mesmo curso, para o autor este conceito é o mais linear de toda a teoria Moreniana.

No sistema sociométrico de um indivíduo, as escolhas, a percepção e o papel devem estar espontaneamente no presente e em constante evolução (Moreno, 1993).

Espontaneidade vem do latim “sponte” e quer dizer do interior para o exterior. Para Moreno (1993:52) a espontaneidade age no aqui e agora, no momento presente, sendo assim remete a uma “resposta adequada a uma nova situação ou a nova resposta a uma situação antiga”. O autor descreve que por meio do teste de espontaneidade é possível observar e medir o grau de adequação e de originalidade. Outro fator destacado por Moreno é que as patologias humanas podem ocorrer pelo desenvolvimento insuficiente da espontaneidade. Portanto, o treino da espontaneidade é algo importante no desenvolvimento de todo indivíduo.

O teste de espontaneidade foi desenvolvido por Moreno como forma de descobrir os sentimentos em seu estado nascente, por meio deste, é possível observar as reações autênticas do indivíduo no momento exato dos acontecimentos. A aplicação do teste ocorria de forma que o participante não soubesse antecipadamente as situações que seriam apresentadas e nem era dito qual o tipo de resposta deveria ser oferecida. A partir deste momento o que se observava era de que forma o indivíduo iria reagir diante da situação apresentada (Silva, 1998). A autora descreve que ao longo do desenvolvimento o ser humano vai perdendo a espontaneidade que outrora era naturalmente desenvolvido. Essa perda acontece por conta da conserva e da repetição (sendo possível observar nos aspectos de inteligência e memória) que são tão valorizados nas culturas de forma geral.

Garrido Martín (1996) destaca que um outro fator a observar é o nível de adaptação dos indivíduos entre si, como participam ou se relacionam com os outros participantes da situação, ou seja, também se deve observar como a sociometria está acontecendo. Sendo assim, podemos pensar que para Moreno uma pessoa dificilmente

promove mudanças em seu ambiente sozinha, o pensamento coletivo de forma geral é em função das relações afetivas, da imagem que tem de si mesmo, de seus semelhantes e de suas relações com estes (Gonçalves *et al*, 1988)

A criatividade pode ser considerada como a disponibilidade que o indivíduo tem para o ato criador, sendo este qualquer ato que acarrete transformação, integração, crescimento e maturação na pessoa que realiza o ato, bem como nas pessoas que o rodeiam. “A produção da criatividade psicodramática tende, especificamente, a plasmar no indivíduo novos modos de ser, de desempenhar papéis e de se vincular”. A criatividade é a constante possibilidade que o indivíduo estabelece de produzir tesouros culturais e ao mesmo tempo, ter a possibilidade de um enriquecimento contínuo de si e de suas relações (Menegazzo, 1995:66).

A espontaneidade não pode ser dissociada da criatividade uma vez que ao modificar uma determinada situação ou de estabelecer uma nova situação, provoca uma criação. A espontaneidade permite ao potencial criativo a atualização e a sua manifestação (Gonçalves *et al*, 1988).

Pamplona, (1990) descreve que a criatividade é manifestada em vários atos criativos, como por exemplo: a escrita de um livro, em um filme, um edifício, um padrão de comportamento, ou seja, tudo aquilo que preserva os valores de uma cultura. Este fenômeno foi denominado de “conserva cultural”. Pamplona descreve que pensar em um mundo carente de criatividade, seria pensar em um mundo automatizado, sem passado nem futuro, sem evolução, sem meta, carente de sentido e absolutamente imutável.

3.5 – CONSERVA CULTURAL

Gonçalves *et al* (1988) corrobora com Pamplona (1990) ao descrever que para Moreno as conservas culturais são: objetos e materiais tais como: obras de arte; comportamentos, usos e costumes, que se mantêm idênticos, em uma determinada cultura. E diz que todo processo de criação pode cristalizar-se como conserva cultural,

no entanto, o excessivo cultivo do que está pronto, pode levar o homem a perda de sua espontaneidade. Segundo a autora para que a conserva não se torne um obstáculo a criatividade é necessário que esta ocorra somente em seu ponto de partida, ou seja, é necessário que não se estagne.

Pamplona (1990) descreve que Moreno nunca negou a importância do passado, assim como não desvalorizou a conserva cultural. A conserva permite a continuidade do eu criador do homem, sem elas o homem seria reduzido a criar as mesmas formas para enfrentar as mesmas situações. No entanto, o perigo que cerca as conservas, está no abuso desta pelo próprio homem, tal abuso pode levar a perda da sua atualidade e da espontaneidade, se tornando uma forma de propriedade e poder, meio para se mostrar superior.

3.6 – ENCONTRO

Cabe aqui descrever sobre o conceito de Encontro e de coconsciente e coinconsciente (este último falaremos no próximo capítulo) até mesmo para que possamos compreender como os vínculos (sobre vínculos falaremos no capítulo quatro) são formados, ou alterados nas relações.

Para Moreno (1974) Encontro não pode ser considerado apenas, como uma vaga relação inter-pessoal. O “Encontro” na teoria Moreniana não se trata de um encontro casual como o de profissionais para trabalhar, mas sim do encontro entre duas ou mais pessoas, com os seus diversos papéis, para viver e experimentar-se mutuamente, diante de suas fraquezas e forças, com toda sua espontaneidade. Bustos (2005) fala de uma reciprocidade de entrega em que em um único encontro pode ocorrer uma atmosfera de relação télica.

Fonseca Filho (1980) descreve que para moreno o Encontro é realizado entre o homem e seu semelhante, este fato ocorre de forma que o Eu passa a ser Tu; e o Tu se transforma no Eu, esta seria considerada para o autor uma comunicação perfeita realizada pela inversão do EU-TU e TU-EU, na busca de um Encontro.

Gonçalves, *et al* (1998:52) ao descrever o conceito Moreniano de Encontro diz: “o encontro é a experiência essencial da relação télica” o objetivo tanto no Psicodrama, no Sociodrama e na Psicoterapia de Grupo é descobrir e aprimorar, bem como utilizar os meios necessários para facilitar o predomínio das relações télicas sobre as relações transferenciais, pois ao proporcionar a diminuição das distorções nas relações a comunicação pode tornar-se mais fluída, e assim recuperar a criatividade e espontaneidade.

Moreno (1974: s/p) escreve este célebre texto que nos ajuda a compreender toda a dimensão de como o autor via o “Encontro”:

“Um encontro entre dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e os colocá-lo-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
para coloca-los no lugar dos teus;
Então tu ver-me-ás com os meus

É possível observar no conceito de Encontro que para que este ocorra é necessário que o momento seja vivido plenamente e que se estabeleça uma vivência de troca, uma compreensão mútua e o afastamento das distorções que podem dificultar o vínculo (Gonçalves *et al*, 1998).

3.7 – COCONSCIENTE E COINCONSCIENTE

O coconsciente e o coinconsciente são as vivências, sentimentos e até fantasias comuns a duas ou mais pessoas, que ocorrem em estado consciente e inconsciente. Estes são a referência teórica da técnica de inversão de papéis, no psicodrama (Riccota, 1990).

Reñones (2004) descreve que nos grupos são constituídos dois estados, que ocorrem somente durante a existência de determinado grupo. Um é formado pelas consciências dos participantes e o outro pelo que estaria perpassando

inconscientemente, sendo criado e percebido por estes. Tudo que envolve o “clima” grupal é transmitido, todos os sentimentos, sensações, intuições, são compartilhados pelo grupo.

Konobel (s/d) ao descrever os estados coconscientes e coinconscientes diz que estes ocorrem em indivíduos que possuem uma convivência estável e significativa como, por exemplo: casais, pais e filhos, parceiros profissionais, estas pessoas acabam por vivenciar conteúdos psíquicos e formas compartilhadas de subjetividade. A autora diferencia os estados coconsciente do coinconsciente, dizendo que no primeiro são as lembranças das histórias de vida como constituinte da identidade de cada indivíduo. Já o segundo diz respeito ao que cada pessoa viveu, ouvir falar, soube um dia e que não se lembra mais, pode inclusive nunca ter sabido, entretanto, faz parte das experiências de todas as pessoas que são significativas do campo relacional, portanto, o coconsciente e coinconsciente podem ser considerados como fenômeno relacional e constituintes do Eu. A autora cita um exemplo de Ancelin-Shützenberger (2007) dizendo que é possível observar na comunicação coinconsciente casos de mortes e adoecimentos, estes podem ocorrer em familiares mesmo após muitas gerações, sendo possível observar estas ocorrências, até mesmo em datas semelhantes

De acordo com Almeida (1988) há que se tomar o cuidado para que não se confunda o estado coinconsciente com o inconsciente individual de Freud, assim como não é possível confundir com o inconsciente coletivo de Jung, nem mesmo com o inconsciente das multidões de Le Bon. O que Moreno (1974) destaca é que no estado coconsciente ou coinconsciente é considerado sempre como propriedade comum e necessita de um esforço combinado, não podendo ser propriedade de um único indivíduo.

Almeida (1998) descreve ainda que para Moreno, sendo o Psicodrama uma psicoterapia da relação interpessoal, o consciente e o inconsciente individuais, permanecem em segundo plano, por pertencerem a um único indivíduo.

3.8 – SOCIOMETRIA

A sociometria é a ciência das leis sociais que tem como objetivo o estudo matemático das características psicossociais da população, dos métodos experimentais e de seus resultados (Moreno, 1993).

Há dois métodos para a mensuração de uma sociometria. O teste sociométrico objetivo e o teste sociométrico perceptual. No primeiro o objetivo é averiguar a partir de um critério, como os membros de um grupo escolhe e é escolhido pelos demais. Já no segundo, o teste perceptual, tem como objetivo verificar como cada membro do grupo acredita ser escolhido pelos demais membros (Kaufman, 1998).

O teste sociométrico tem como objetivo observar as escolhas e o teste perceptual a percepção social. O sociograma do teste objetivo é denominado de “extrovertido”, e o sociograma do teste perceptual é chamado de “introvertido” (Moreno, 1993).

O sociograma é o método de mapeamento, investigação e exploração de fatos sociométricos. Por meio do sociograma é possível observar a estrutura do Universo social que não fora imediatamente percebido pelo indivíduo (Moreno, 2008).

Essa forma de aplicação do teste sociométrico foi estudado exaustivamente por Moreno, como podemos observar em inúmeros de seus trabalhos, onde o autor apresenta sociogramas bem detalhados. Entretanto, para Kaufman (1998) o teste sociométrico quando visto apenas como um procedimento matemático em que o objetivo é buscar a medida das interações, exclui sua principal finalidade que é a qualidade dos vínculos.

Neste aspecto Bustos (1979) descreve que o teste sociométrico é um método de investigação que busca compreender as redes vinculares nas estruturas dos grupos. A relação entre os indivíduos ocorre por meio de três sinais possíveis segundo Bustos (1979:31) que são: os sinais positivos – faz parte da aceitação; negativos – que é o rechaço; ou neutro – quando ocorre a ambivalência. O objetivo do teste sociométrico é determinar a intensidade dos vínculos por meio dos sinais apresentados.

Quanto mais precisos forem os critérios sociométricos, mais rico será o átomo social do indivíduo e mais maduras serão as relações. Quanto maior for a multiplicidade

de eleições, mais madura é a rede de dependência. A tendência de diferentes critérios para apenas uma pessoa cria um vínculo de dependência infantil, em que o foco da relação é o medo da perda (Bustos, 1979).

Quanto aos critérios Fox (2002) descreve que são os motivos que os indivíduos têm em comum e que os levam a unirem-se de maneira espontânea para uma determinada finalidade. Para Moreno (2008) os grupos de forma geral se baseiam em determinados critérios para sua constituição. Exemplo de critérios que podem ser formados são: morar junto, trabalhar junto, etc. Segundo Bustos (1979) os critérios nas relações surgem a partir do fator T (tele) pois a partir deste é possível reconhecer com quem quer brincar, passear, entre outro.

Anna Maria Knobel (2001), relata sua experiência com os testes sociométricos. Segundo a autora os testes sociométricos (tanto o objetivo quanto o perceptual) foram muito utilizados no início do psicodrama no Brasil, para a compreensão da estrutura dos grupos, dinâmica das relações e o funcionamento psíquico. No entanto, o teste sociométrico foi deixando de ser utilizado desta forma, pois provocou muitas situações dolorosas e difíceis de serem suportadas e após algum tempo sem a utilização desta forma de aplicação do teste sociométrico a autora passou a utilizá-lo novamente, mas de acordo com o referencial teórico da teoria relacional, usando como conceito o átomo social.

Falaremos um pouco sobre o átomo social, bem como sobre outros conceitos teóricos que segundo Kaufman (1998) estão correlacionados com o teste sociométrico como, por exemplo: rede sociométrica, tele, transferência.

3.8.1 – Átomo Social

“Os átomos sociais são conjuntos de relações razoavelmente estáveis, que se adensam em torno de algumas pessoas e são tênues em torno de outras” (knobel, 2001).

O átomo social segundo Moreno (2008) é a menor unidade social indivisível, é constituído por famílias, grupos religiosos, grupos laborais, etc. As redes sociométricas

ocorrem a partir dos vínculos. O átomo social é o conjunto de vínculos próximos, é a rede de relação do indivíduo.

Knobel (2001) descreve que os átomos sociais são caracterizados por: relações afetivas mútuas, pelos critérios de escolha; pela constatação de que o ser humano saudável não existe de forma isolada, ou seja, observar qual é a menor unidade social que constitui a relação do indivíduo; podem ocorrer vários tipos de átomos sociais, conforme o tipo de papel desempenhado, portanto se faz necessário mapear os conjuntos de relações a partir dos papéis.

Alguns exemplos de como podem ser realizados os átomos sociais são: átomo familiar: compõem os membros da família; átomo profissional: que consiste nas pessoas significativas de ambiente de trabalho; átomo sexual: refere-se as pessoas com quem um indivíduo tem interesse sexual, ou mantém relações sexuais e o átomo social total: que são todas as pessoas importantes, segundo os vários papéis e critérios. Os átomos sociais também devem ser passíveis de serem representados graficamente; representados psicodramaticamente por meio de imagens simbólicas ou esculturas; ter duas direções de análise: do indivíduo para o grupo (como a pessoa se relaciona com os outros, quem escolhe? Os afetos recebidos são em maioria positivos ou negativos? Quais são os motivos de ser escolhido e de escolher) e do grupo para o indivíduo (como a pessoa participa nas redes sociométrica, ela faz parte das estruturas grupais? É isolado? Tem acesso aos canais de comunicação? Com quantas pessoas tem contato?) (Knobel, 2001).

Bustos (1979) ao descrever sobre patologias que possam ser observadas nos átomos sociais, diz que, em um átomo social empobrecido que está fixado nas figuras de sua matriz de identidade primária demonstra que este indivíduo vive sociometricamente de forma isolada. O não encontro de pessoas para substituir a matriz de identidade pode demonstrar que incide uma patologia.

3.8.2 – Redes sociométricas

As redes sociométricas são constituídas por vários átomos sociais, estas redes nem sempre são evidentes para os indivíduos que participam. Em uma relação de A com B, não quer dizer necessariamente que A se relacione com todas as pessoas de conhecimento de B e nem que B se relacione com todas as pessoas de conhecimento de A (Gonçalves, *et al* 1988). No entanto, parte dos átomos sociais podem se unir a outros átomos formando correntes de afetos e de inter-relações. As redes sociométricas podem ser subjetivas, mas podem também ser observadas objetivamente (Camargo, 2006).

As redes sociométricas podem surgir a partir dos diversos papéis que o indivíduo desempenha, um dos papéis em que o indivíduo atua e forma sua rede sociométrica é no seu local de trabalho (Camargo, 2006). No entanto, Moreno (2008) ressalta que nem sempre as redes formadas são de escolhas do indivíduo e cita o mesmo exemplo de Camargo em relação as redes formadas no ambiente de trabalho, mas diz que nesta as escolhas sociométrica não são necessariamente de interesse da pessoa.

3.8.3 – Tele e Transferência

A definição de tele segundo Moreno (1993) tem origem grega e quer dizer (distante, agindo à distância), para o autor a tele pode ser considerada como alicerce de toda relação sadia que acontece desde o primeiro encontro e cresce de um encontro para o outro.

Moreno denominou o Fator T (tele) como sendo a percepção interna mútua que ocorre entre dois indivíduos e pode ser observada desde o nascimento na simbiose entre a mãe e o bebê, antes mesmo que possa ocorrer uma transferência (Moreno, 1993). Moreno (1974) coloca que a “Tele é a empatia ocorrendo em duas direções”. Fonseca Filho, (1980) ressalta que a reciprocidade não ocorre apenas na atração, mas também no rechaço.

Para Moreno (1993) fatores ligados a fantasia transferencial pode gerar distorções na tele. A transferência na definição Moreniana é a patologia da tele, pois quando as apreciações são permeadas ou alteradas por qualquer tipo de mecanismo – como a projeção, por exemplo - não permite o verdadeiro encontro, seria uma falsa relação (Fonseca Filho, 1980)

Garrido Martín (1996:197) descreve alguns pontos que definem e diferenciam tele e transferência:

“a) transferência se refere ao passado e projeta no presente imagens que se formaram na infância. O fator tele se origina no presente, no aqui e agora, no momento em que duas pessoas se encontram; b) a transferência é um sentimento de uma só direção; a tele é um sentimento de via dupla; c) a transferência, por ser um conceito psiquiátrico, só é válido para o psicopatológico, enquanto que a tele é um conceito útil ao psicólogo, ao psiquiatra e ao sociólogo; d) a transferência é um conceito essencialmente subjetivo enquanto a tele é um conceito objetivo; e) a transferência é causa de enfermidade, tanto no indivíduo como no grupo, porém o fator tele é um elemento sã e terapêutico; f) a transferência é um fenômeno secundário, que aparece posteriormente na vida, enquanto a tele é um fenômeno primário que atua quase a partir do próprio nascimento... g) a transferência aplicada aos grupos, é um fator desintegrante; a relação-tele é um fator de nexos ou de união; h) finalmente, à medida que o tratamento psicoterapêutico avança, a transferência deve desaparecer, enquanto que o fator-tele deve-se fazer cada vez mais onipresente e persistente”.

Moreno (1993) diz que a tele pode ter ramificações advindas da transferência ou da empatia. Quando a ramificação está localizada na primeira é considerada uma patologia. No entanto, quando a ramificação está a cargo da segunda pode ser considerada como uma ramificação psicológica (Moreno, 1993). A este aspecto Bustos (2005) diz que não há relações absolutamente tóxicas ou absolutamente transferenciais e discorre sobre o conceito de complementariedade patológica das relações, dizendo que se a dinâmica relacional de um indivíduo permanece fixada a seu “*modus operandi*” primário, apresentará comportamentos e emoções ligadas não a um complementar real e atual, mas ao complementar interno patológico. Para o autor o que se transfere em uma relação, são as características combinadas de papéis complementares. Portanto, para o autor a captação do outro de forma absoluta é uma ilusão, ou seja, não é

possível, pois todo símbolo contém os valores, a cosmovisão, a história e as experiências de cada pessoa. Quanto ao termo símbolo, Bustos (2005) destaca que se refere para ele a transformação de experiências.

4 - VÍNCULOS: SUAS FORMAÇÕES E ALTERAÇÕES

4.1 – O Desenvolvimento da Relação, Vínculo e afetividade

Neste capítulo abordaremos as questões acerca da afetividade, como esta ocorre. Focaremos no termo usado por Nery (2014): lógica afetiva de conduta, para que possamos compreender como acontecem as distorções nas formas de se vincular, bem como o conceito de vínculo simbiótico de Fonseca Filho (1980). No entanto, para que possamos iniciar tais formulações falaremos um pouco sobre a diferença entre vínculo e relação e como ocorre a afetividade.

Para Ricotta (2002), relação envolve interesse e afinidades entre as pessoas, conhecimento e convivência recíproca que pode ocorrer por meio de comunicação verbal e não verbal. Mediante tais expressões é possível evidenciar os laços de amizade, as ligações afetivas, as profissionais, entre outras. Tais expressões observadas nas relações também são expressas nos vínculos, a forma de ligação é a mesma. Entretanto, no vínculo há um sentido comum, uma ligação moral, um ônus para os envolvidos, o compromisso é mais forte, ocorre os projetos comuns que envolve os desejos e necessidades entre os envolvidos.

O que acontece entre duas ou mais pessoas, produz sensações, emoções, efeitos e modificações nas pessoas e são estes que nos unem ou nos separam dos outros (Ricotta, 2002). Neste sentido, Nery (2014) fala sobre afetividade dizendo que está é uma das bases da aprendizagem dos papéis e de suas características. Por afetividade é possível compreender que se refere ao conjunto de respostas subjetivas e definidas, sendo expressadas por meio de sensações, sentimentos, estados emocionais, desejos, necessidades e humor. Há uma interinfluência entre afetividade e papéis, pois o indivíduo manifesta seus desejos, expectativas e emoções por meio dos papéis, ao mesmo tempo os papéis são estruturados pelos desejos. Para a autora quando não ocorre a afetividade os papéis são cumpridos de forma mecânica, são desempenhados sem vitalidade e criatividade (Nery, 2014).

Segundo Fonseca Filho (1980) é a partir dos vínculos primários que será formada a personalidade. As características, as peculiaridades, a forma como são estabelecidas as ligações com todos os que fazem parte da sociometria primária do indivíduo será fundamental para seu desenvolvimento. Para Nery (2014) é na matriz de identidade que o indivíduo encontrará o sentido de sua existência; nesta será formada sua subjetividade e neste primeiro grupo social que são sintetizados todas as cargas afetivas de que a pessoa necessita para seu desenvolvimento psíquico, como por exemplo: atenção, respeito, aceitação, amparo, conforto, segurança afetiva, entre outras.

Segundo Fonseca Filho (1980) o amor é a carga afetiva básica de todo o ser humano, que pode ser apresentada de forma positiva, ou negativa, que seria o desamor ou rejeição. O amor para o autor seria: a amizade, o carinho, a gratidão, entre outros. E a rejeição seria: o ódio, a raiva, a inveja, etc. Conquistar o amor segundo Nery (2014) é o que motiva a conduta humana, é o que estabelece os vínculos. O amor é o que dá sentido à vida, é o que favorece o desenvolvimento social, é por meio dele que se fundamenta a sociometria e se realiza as escolhas positivas e negativas.

O ser humano vive uma constante busca de alimentos psíquicos, ou cargas afetivas que promovam seu crescimento social e psicológico. Busca saciar suas cargas afetivas como: atenção, proteção respeito, aceitação. É possível resumir tal carga afetiva como sendo uma carga afetiva do amor. A busca por estes afetos causa muita dor, e para conseguir saciar as cargas afetivas as pessoas aprendem diversas condutas que podem ou não liberar a espontaneidade e criatividade. Tal liberação dependerá do tipo de modalidade vincular, dos estímulos oferecidos por meio do campo vincular, da submissão ao autoritarismo, da autoanulação à psicopatia, da depressão à mania, entre outros (Nery, 2014).

4.1.2 – Vínculo e a Lógica Afetiva de Conduta

O termo lógica afetiva de conduta foi desenvolvido por Maria da Penha Nery em seu livro: Vínculo e afetividade: Caminho das relações humanas (2014). Com este termo Nery fala sobre as marcas afetivas que são os resultados dos primeiros vínculos.

Marcas que bloqueiam o desenvolvimento psicológico e a livre expressão do indivíduo e tornam a conduta repetitiva, massificada e irracional em determinadas circunstâncias e vínculos.

São as lógicas afetivas de conduta que dão funcionalidade aos vínculos, nestas estão contidas a afetividade, a cognição, a percepção e o desempenho de papéis. A maneira como as pessoas se vinculam ocorre de acordo com a lógica afetiva predominante de sua existência, sendo assim as marcas e as lógicas afetivas fornecem sentido e características aos papéis, tornando-os a expressão da personalidade.

As lógicas afetivas de condutas podem ter diferentes graus de consciência, as pessoas podem, por exemplo, não ter muito contato consigo mesma, demonstrado pela pouca capacidade de compreender por que se comporta de determinada maneira em determinadas situações.

As lógicas afetivas de conduta fornecem direcionalidade, intencionalidade e causalidade aos papéis, pois nelas estão contidas as resoluções afetivas que visam a algum equilíbrio psíquico, seja no sentido da obtenção de amor, do temor da perda do amor ou da expressão da agressividade pelo amor não recebido. Nesse sentido, as lógicas explicitam as defesas relacionais, pois exteriorizam, nos vínculos, as transferências, propagadas pelo efeito cacho de papéis para outros papéis sociais. Elas norteiam a pessoa para momentos da existência, criativos ou conservados (pag: 46).

Para Nery as vivências de afetividade vividas nos vínculos primários, ou seja, na matriz de identidade será fundamental para as vivências de afetividade nos outros vínculos que serão formados pelo indivíduo. Ao ser dominado pelo vínculo conflituoso (que segundo a autora faz parte do conjunto formado por papel complementar interno patológico, criança interna ferida e dinâmica vincular aprendida nesse vínculo), o indivíduo pode ter condutas que alteram sua sociometria nos vínculos e nos grupos, pois sua criatividade e espontaneidade ficam bloqueadas e ocorre a anulação do eu e a despotencialização do self.

4.1.3 – Vínculo Simbiótico e o Desenvolvimento da Personalidade Segundo Fonseca Filho

Falaremos um pouco sobre personalidade e para tal, utilizaremos como base Fonseca Filho (1980), que busca exemplificar o desenvolvimento da personalidade por meio da matriz de identidade. Conforme já descrevemos no capítulo sobre Matriz de identidade, ele fala sobre como ocorrem as relações, a qual denominou de: relação em corredor (que faz parte da primeira fase: Identidade Total indiferenciada), fase de triangulação das relações (Identidade Total Diferenciada ou Realidade Total) e a circularização das relações (que é a fase de inversão de papéis - esta seria para o autor a maneira mais saudável de se relacionar).

Focarei neste trabalho o conceito de simbiose. São inúmeros os teóricos que estudam o conceito de relação simbiótica, no entanto, o foco aqui apresentado é o conceito de relação simbiótica desenvolvida por Fonseca.

No dicionário Aurélio (2010) simbiose quer dizer “vida em comum com outros; associação entre dois organismos no qual ambos recebem benefícios...”. Quanto ao termo simbiótico o mesmo dicionário Aurélio (2010) descreve “... que revela ou tem grande dependência de alguém; próprio de quem apresenta tal dependência...” Ferreira (2010). Fonseca corrobora com a descrição do Aurélio, no entanto, ao mencionar a relação simbiótica o autor fala mais especificamente da ligação entre mãe-filho (ou na verdade a ligação com o cuidador, já que em seus exemplos o autor também menciona o vínculo com o pai), neste tipo de ligação o que une o vínculo é a dependência, ou seja, um não é capaz de sobreviver sem o outro. Quando no decorrer do desenvolvimento ocorre a persistência nesta fase a pessoa acaba por se identificar com o todo da relação e não consigo mesma, ou seja, perde a capacidade de distinguir o Eu do Tu. A relação fixada nesta fase pode provocar diversos tipos de crimes, como por exemplo, os passionais - chamados crimes de amor - e o assassinato da mãe, neste último o indivíduo (mais observado em casos de psicóticos) ao buscar se reconhecer separado do Tu, para ter uma identidade própria pode chegar a matar.

Para o autor a patologia nesta fase, se trata de uma patologia da relação, do vínculo. E o tratamento nestes casos deve contemplar a relação, os envolvidos e não

apenas um, pois como mencionado anteriormente no vínculo simbiótico o sentimento é de que um não vive sem o outro e o tratamento em que se afasta do convívio os envolvidos, pode ocasionar a morte de um ou de ambos.

5 - METODOLOGIA

Este trabalho adotou de acordo com os objetivos o caráter de pesquisa exploratória, pois esta consiste na exploração de um fenômeno por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas. Geralmente é realizada na forma de Pesquisa Bibliográfica e Estudo de Caso.

Quanto a abordagem do problema adotou-se a pesquisa qualitativa. Uma pesquisa qualitativa, por esta se centrar na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Ela está voltada para o âmbito social, que trata de aspectos sócio-políticos, econômicos, culturais e educacionais (Santos e Noronha 2005).

As fontes de informações aqui apresentadas foram colhidas por meio de levantamento bibliográfico. A pesquisa bibliográfica consiste na coleta de informações por meio de materiais impressos ou publicados na mídia, como por exemplo: livros, periódicos científicos, revistas, jornais, teses, dissertações, materiais cartográficos, meios audiovisuais, entre outros (Otani; Fialho, 2011).

O procedimento técnico adotado foi de estudo de caso, por este permitir um amplo e detalhado conhecimento de um caso específico (Otani; Fialho, 2011).

A fundamentação filosófico metodológica utilizada foi o Psicodrama por meio da Socionomia de Jacob Levy Moreno. Na Socionomia conforme descrito no capítulo três deste trabalho “Conceitos básicos da teoria socionômica” podemos encontrar três ramificações que são: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria. Neste trabalho foi utilizado mais especificamente a sociometria, pois seu objetivo é medir as relações (o método aqui utilizado foi o átomo social), (Moreno, 1993). E a sociatria, por esta ter como objetivo a terapêutica, ou seja, tratar os sistemas sociais (Moreno, 1993). A prática socionômica abrange também seus contextos, instrumentos e etapas.

Contextos

Quanto ao contexto Moreno os distingue em: o contexto social, o contexto grupal e o contexto dramático.

Contexto social: este contexto se configura pela realidade exatamente como é, seu tempo cronológico, espaço concreto e geográfico. Pelas leis, normas e regras que regem cada sociedade e suas culturas (Gonçalves *et al*, 1988).

Contexto grupal: é constituído pelo próprio grupo, que consiste no diretor, egos e participantes. As leis, normas e condutas são estruturadas pelo próprio grupo (Yozo, 1996). Neste contexto as regras podem ser ajustadas, questionadas, são mais tolerantes e permissivas (Filipini, 2014).

Contexto dramático: este é caracterizado pelo “como se”, pela realidade psicodramática. Neste contexto o que prevalece é o mundo imaginário e a fantasia, no entanto, em um ambiente protegido (Yozo, 1996). Passado e futuro no “aqui e agora”, o tempo e o espaço são subjetivos, as regras sociais podem ser questionadas, quebradas e podem haver novas regras e acordos. Aqui as fantasias podem ser acolhidas e trabalhadas dramaticamente (Filipini, 2014).

Instrumentos

Os instrumentos são os meios utilizados para a execução do método e das técnicas psicodramáticas (Gonçalves *et al*, 1988). São cinco os instrumentos psicodramáticos: cenário, protagonista, diretor, ego-auxiliar e público (Moreno, 1974; Filipini, 2014; Yozo, 1996).

Cenário. É o espaço do “como se”, onde é construído o contexto dramático, é onde o protagonista se manifesta (Yozo, 1996). Neste espaço a realidade e a fantasia não entram em conflito, ao contrário são ambas são importantes no mundo psicodramático (Moreno, 1994).

Protagonista. É ele que constrói o contexto dramático, desenvolve o tema e desempenha papéis, expõe os sentimentos e expressa conflitos. Pode ser representado

por uma ou mais pessoas ou até mesmo pelo grupo todo. No trabalho individual o paciente sempre é o protagonista (Moreno, 1974; Filipini, 2014; Yozo, 1996).

Diretor. O diretor tem três funções que são: produtor, terapeuta e analista. Como produtor o diretor deve estar atento para converter qualquer pista que o protagonista ofereça em ação dramática. Como terapeuta deve estar atento para os sentimentos, emoções e pensamentos presentes no protagonista, grupo e plateia. E como analista tem a função de pontuar e comentar suas percepções para todos os presentes seja os egos-auxiliares, o protagonista e a plateia (Moreno, 1974, Filipini 2014, Yozo, 1996).

Ego-auxiliar. O ego-auxiliar tem tripla função, a de ator (neste, ego-auxiliar desempenha os papéis requeridos pelo protagonista, sejam eles reais ou imaginados), função de agente terapêutico (guia do protagonista), e desempenha também a função de investigador social (Moreno, 1974).

Público. O público tem duas finalidades a de ser um agente de transformação do outro, ou seja, o público pode ver na cena do protagonista o seu drama pessoal e desta forma o protagonista tem um papel de agente terapêutico para o público. Ao mesmo tempo em que um protagonista pode ser ajudado pelo público que se dispõe a aceitá-lo e compreendê-lo (Moreno, 1974).

No contexto de atendimentos individuais o público tal como é, não aparece. Entretanto, aparece no “como se”. Assim como o papel de ego-auxiliar é representado pelo próprio diretor.

Etapas

Uma sessão de psicodrama é dividida em três etapas que são: aquecimento, dramatização e compartilhar (Gonçalves *et al*, 1988).

Aquecimento: O aquecimento é o momento da escolha do protagonista e preparação para a dramatização, tem duas divisões: aquecimento inespecífico e aquecimento específico. O aquecimento inespecífico pode ser verbal ou corporal e culmina com o surgimento do protagonista. O aquecimento específico é o aquecimento

do próprio protagonista é a preparação deste para a ação dramática (Gonçalves *et al*, 1988).

Dramatização: Após todo o processo de aquecimento do protagonista dá-se o início a representação no contexto dramático, o protagonista representa as figuras de seu mundo interno. Esta é a etapa em que o diretor identifica o conflito e ocorre a elucidação, encaminhamento ou a resolução do conflito (Gonçalves *et al*, 1988; Yozo, 1996).

Compartilhar: Esta fase é a denominada de fase da participação terapêutica do grupo, pois o grupo pode expressar o que o tocou e emocionou na dramatização do protagonista, os sentimentos despertados e seus próprios conflitos semelhantes. Desta forma o participante do grupo ao se expor fica em igualdade com o protagonista, este não se sente sozinho com seus conflitos (Gonçalves *et al*, 1988; Yozo, 1996).

Outras duas etapas que não estão descritas por Moreno, mas vem sendo utilizada pelos pós Morenianos atualmente são: etapa de elaboração, em que tem a finalidade terapêutica de recordar juntamente com o protagonista o ocorrido em sua dramatização, afim de auxiliá-lo a entender os conteúdos expressos e relacioná-los com seu processo terapêutico. Segundo é o processamento, que tem finalidade didática de esclarecer os aspectos técnicos da sessão (Gonçalves *et al*, 1988).

Todas as etapas aqui referidas fazem parte tanto de uma sessão psicodramática bipessoal, quanto de uma sessão em grupo. No entanto, o compartilhar em uma sessão de psicoterapia psicodramática bi-pessoal é discutido no meio psicodramático e nos atendimentos realizados não houve o compartilhamento por parte do psicoterapeuta.

5.1 Sujeito da pesquisa:

Foi participante desta pesquisa uma paciente atendida em uma instituição civil sem fins lucrativos, localizada na cidade de São Paulo. Os atendimentos são semanais com tempo estimado em 50min cada sessão (mais detalhes é possível obter na apresentação do caso, capítulo 6). A participante assinou termo de consentimento livre e esclarecidos (anexo I) em que autoriza a realização deste trabalho.

6 - APRESENTAÇÃO DO CASO

Mara 57 anos, divorciada, três filhos, sendo que um dos filhos é falecido. Está em psicoterapia há três anos e meio, os atendimentos são realizados em uma instituição civil sem fins lucrativos, localizada na cidade de São Paulo, uma vez por semana, 50 minutos. Paciente iniciou a psicoterapia trazida pela irmã, que realizava psicoterapia no local.

Mara iniciou psicoterapia por causa do suicídio do filho José, com 32 anos na época. Sentia muita culpa e dizia que gostaria de saber por que o filho se suicidou e o que ela poderia ter feito para ajudá-lo.

Ao iniciar psicoterapia encontrava-se muito debilitada física e emocionalmente, sua mobilidade estava lentificada. O choro era uma constante nas sessões do começo ao final.

6.1 Descrição da relação de Mara com os familiares.

Mara tem três filhos: O mais velho, Paulo com cerca de 37 anos, mora em outro país; José filho do meio com cerca de 32 anos na época do suicídio e Denis com 26 anos, faz faculdade e mora com a mãe.

A relação de Mara com Paulo e Denis era distanciada. Para ela eles eram muito distantes, não eram e nunca foram muito carinhosos. Já José era o filho amoroso, que sempre a elogiava, inteligente, simpático...

Desde o começo da psicoterapia Mara relata sua predileção pelo filho do meio, dizia: “ele era o filho preferido sim, sempre foi”. José tinha como hipótese diagnóstica transtorno de personalidade borderline – coloco hipótese, pois segundo ela esse diagnóstico nunca foi fechado. Foram inúmeros os relatos de agressão por parte de José à mãe, agressões com facas, ameaças, quebrando as mobílias da casa, inclusive computador do irmão, entre outras. As internações também eram uma constante.

Segundo Mara, José passou a ter esses comportamentos após uma viagem para outro país em que usou uma droga chamada 'cristal', acredita que essa droga pode ter agravado as reações de José.

Paulo o filho mais velho foi morar em outro país. Mara acredita que esta decisão tenha sido influenciada pelos excessos de José. A relação dela e Paulo era muito distante, Mara inclusive relata uma cena que para ela foi muito marcante: Paulo em seu primeiro casamento não a convidou, ela ficou sabendo através de sua mãe. A avó de Paulo o questionou se ele não iria convidar a mãe e após essa cobrança Paulo questiona Mara se ela não iria a seu casamento dizendo que era para ela ir, e assim, ela foi.

Relata que segundo Paulo, José sempre teve comportamento dissimulado e ela é que nunca percebeu. Diz que ele sempre mentia e que ela sempre acreditava nele.

O filho mais novo, Denis, segundo os relatos de Mara, era muito fechado, quando chegava da faculdade não gostava de conversar e se isolava no quarto. Segundo a cliente ele era inclusive muito grosseiro com ela. No entanto, Mara diz que nos momentos de excessos de José, Denis sempre a ajudava, nunca se opôs a ir para hospitais com a mãe.

Mara vivenciou situações fortes de violência desde sua infância. Sua mãe Fátima (falecida), era uma mulher violenta com os filhos. São muitas as cenas descritas em que a mãe batia nos irmãos até que eles desmaiassem.

Dentre muitas cenas agressivas, descreverei três que considero importantes neste contexto. A primeira é uma em que Fátima bate em Mara com um fio até que suas pernas fiquem com vergões, conta que ficou dias sem usar roupas curtas com vergonha. A segunda cena considero ter influência na dificuldade de Mara demonstrar afeto. Nesta cena ela tenta dar um abraço em sua mãe que a empurra, rejeitando assim sua tentativa de demonstrar afeto. Ou seja, Mara vivenciou uma infância e adolescência marcadas por agressões e situações que dificultavam os vínculos. Ela conta também que quando já era adulta, sua cachorra teve filhotes e que ela pretendia doá-los, no entanto, estava aguardando acabar o período de amamentação, e um dia após chegar

do trabalho sua mãe disse que já tinha resolvido o problema com os filhotes, ela os havia afogado um a um.

Mara ao longo da psicoterapia foi relatando essas cenas, como se estivesse tudo bem, ela dizia compreender a mãe, que ela fazia isso pelas condições de vida que eles tinham (poucas condições financeiras e de educação).

Foram poucas as sessões em que Mara falou do pai, ela teve uma briga com o pai na adolescência e só voltou a falar com ele quando adulta. Os relatos de Mara sobre o pai descrevem uma relação conturbada com a mãe. Segundo seus relatos eles eram muito agressivos um com o outro. No entanto, o pai não batia nos filhos.

A relação com o ex-marido Antônio também foi marcada por muitas situações violentas. Antônio constantemente agredia os filhos, dentre tantas cenas relatadas há uma em que Mara estava grávida de Denis, quando percebeu que o ex-marido iria agredir José com uma chave de roda, deu um grito e desmaiou. Relata que neste momento ela pensou no pior, disse que não sabe o que poderia ter acontecido com o filho.

Antônio não a agredia, pois a única vez em que ele a ameaçou, Mara devolveu a ameaça, dizendo que se ele tentasse bater nela ela revidaria, apontando uma faca para ele.

Ela decide se separar de Antônio quando Denis tinha por volta de um ano, José e Paulo estavam na adolescência. Segundo Mara, quando ficou grávida de Denis fez uma promessa de que não veria mais um filho sofrendo e caso Antônio não mudasse seus comportamentos se separaria. E foi o que aconteceu. Diz que Antônio mudou por um tempo e logo começou novamente as agressões aos filhos. O fato de Antônio ter voltado a agredir as crianças fez com que cumprisse sua promessa.

Outro aspecto importante a ser mencionado sobre a história de vida da paciente, é a sua relação com os irmãos. A maioria dos relatos sobre eles são dos momentos que apanhavam da mãe, mas há duas questões que considero importante mencionar aqui. A primeira é com sua irmã Roselita, que segundo Mara era a favorita de sua mãe. Relata muitos momentos em que a irmã a chantageava para que ela fizesse tudo o que queria, pois caso ela não fizesse, contaria algo de “errado” (como

por exemplo: não limpar algo que a mãe pediu, quebrar ou fazer algo que lhe foi pedido de forma rápida para poder brincar). Segundo seus relatos, muitas vezes a irmã até mesmo mentia só para que ela fizesse o que queria. Esta é uma relação que causou marcas em Mara e contribuiu com que em relações posteriores ela agisse exatamente igual com seus filhos. Ou seja, depositava a verdade somente em uma única pessoa: José.

A segunda, é a relação com uma irmã a qual falamos muitas vezes que era sua irmã/mãe, a Roberta. Esta irmã era muito afetuosa com ela. Entre os relatos sobre ela, descrevo dois episódios que foram significativos. O primeiro ocorreu em sua menarca; Mara ficou com muito medo, pensou que tivesse feito algo errado e não sabia o que estava acontecendo. Neste momento se escondeu em um banheiro do lado de fora de sua casa ficando na companhia de alguns 'pintinhos' que estavam no local, até que sua irmã chegou, foi procura-la e lhe explicou tudo com muita paciência, dizendo que aquilo iria acontecer todo mês, que acontece com toda mulher e o que ela deveria fazer. Outro episódio é quando Mara vê alguns livros escondidos e quer ler, sua irmã lhe diz que pode, mas deve tomar cuidado, porque eram alguns livros que poderiam trazer problemas - estavam em época de ditadura e se algum militar pegasse poderiam se complicar. Estas cenas descritas por Mara sobre a irmã demonstram muita afetividade, compreensão e companheirismo. Aqui a irmã representa a mãe boa que lhe proporciona acolhimento. A diferença de idade entre as duas é significativa (quase dez anos) e faz com que a irmã tome o papel de cuidadora.

6.2 Cenas

Para esse trabalho serão descritas cenas que são recortes de sessões que foram consideradas significativas para a compreensão do caso e do processo psicoterapêutico.

Cena 1.

Como sempre Mara iniciou a sessão chorando muito, fala da saudade que sente do filho José e o quanto não valia a pena continuar vivendo. Mara traz nesta sessão a confusão que sente em relação ao filho, se ele realmente gostava dela ou se tudo o que ele dizia era mentira e manipulação.

Relata que José quando criança era muito carinhoso e amoroso, e se questiona o que teria acontecido, porque ficou tão agressivo? “Será que era tudo mentira, ele sempre foi manipulador e eu nunca percebi”.

Neste momento iniciamos uma cena de quando José era criança.

T = Terapeuta – Mara qual é a lembrança mais antiga de José que vem a sua mente?

Mara – Quando ele era criança em uma casa antiga que vivemos.

T – Vamos fazer esta cena.

T – Como é a casa?

Mara – Tem um quintal bem grande, e ele está brincando.

T – Coloque uma almofada para representar José. Do que ele brinca?

Mara – Com alguns brinquedos dele.

T – Tem mais alguém neste quintal?

Mara – Sim, Paulo e Denis também estão brincando.

T - E como ele está?

Mara - Feliz. Aqui era o meu menininho, carinhoso, amoroso.

T - E como você se sente aqui, próxima a ele?

Mara – Bem.

T – Te parece mentira? Esse menininho está parecendo manipulador?

Mara – Não

T – O que você gostaria de fazer agora?

Mara – Gostaria de abraçar meu menininho.

T – Então faça isso.

Mara pega a almofada que representa José e o abraça

T – Fique o quanto precisar

Mara fica alguns minutos abraçada. Após perceber o olhar de Mara de que já era suficiente, não permiti que ela devolvesse a almofada ao lugar e questionei:

T – Mara tem mais alguém aqui que você gostaria de abraçar?

Mara – Olha em volta e diz que sim, Paulo e Denis.

T – Então abrace-os.

Mara pega as almofadas que representam Paulo e Denis e fica um bom tempo abraçada.

T – Como você se sentiu na cena?

Mara – Bem, sempre fico muito confusa com José, mas acho que nessa época não era mentira e nem manipulação. Ele era uma criança esperta, inteligente, amorosa e não é possível que tudo tenha sido mentira.

Observações do Terapeuta

Nesta cena poderia ter utilizado a técnica de inversão de papéis com Mara se colocando no lugar de José, utilizando perguntas que poderiam esclarecer as suas dúvidas. Poderia também ter invertido papel com Paulo e Denis para explorar o que eles estavam sentindo naquele momento. No entanto, decidi por reforçar a relação com os filhos através de algo que Mara sente muita dificuldade que é a expressão de afeto.

Cena 2.

Mara relata nesta sessão o quanto o ex-marido e alguns membros da família dele denegriam sua imagem perante os filhos, que ele a xingava. Diz acreditar que tudo que foi dito fez mal tanto a ela quanto aos filhos.

Proponho pensar nas relações, quais são as relações das quais ela se sente bem e quais as relações que não se sente tão bem.

De um lado da sala ficará as pessoas das quais você se sente bem e que gosta de estar perto e do outro as que você não se sente tão bem.

Mara – Do lado esquerdo ficarão as pessoas que não me sinto tão bem, que é o Antônio e algumas pessoas da família dele. Do outro lado estão as pessoas da minha família, meus irmãos, meus pais e meus filhos.

T – Mara fique próxima das pessoas que você diz não se sentir tão bem. Como você está se sentindo diante dessas pessoas?

Mara – Estou me sentindo incomodada.

T – O que te incomoda?

Mara – Não sei, acho que estas coisas que eles dizem me incomodam um pouco. Me separei porque ele era agressivo com meus filhos e eu não ia suportar mais aquilo.

T – O que você quer realmente da relação com essas pessoas?

M – O que eu queria realmente era jogar eles, principalmente o A por essa janela.

T – Então vamos olhar a janela. É realmente isso o que você quer?

Mara – Nossa! Acho que não. Então, posso jogá-los na lata de lixo – e fazendo um sexto grande de brinquedos de lixo, começou a jogar as almofadas que representavam as pessoas indesejáveis.

T – Mara, ao jogar as pessoas no lixo eu quero que você diga a elas o porquê você está fazendo isto.

Mara – Estou jogando vocês no lixo por todas as vezes que vocês falaram mal de mim para meus filhos. Por todas as acusações de que era minha culpa o que aconteceu com o José. Por todas as agressões que você Antônio fez contra os meninos.

T – E com essas pessoas aqui – apontando para o lado que estavam as pessoas com a qual ela demonstrou querer mais proximidade.

Mara – Eu quero abraçá-los, muito.

T – Então os abrace.

Novamente Mara fica abraçada por um tempo aos que ela considerou pessoas as quais gostaria de ter próximo.

T – Como você está se sentindo?

Mara – Muito bem e aliviada.

Observações do terapeuta:

A relação de Mara com o ex-marido e os familiares dele, já não era próxima, desde a morte de José. No entanto, decidi realizar este método para que ela pudesse observar as relações próximas. Novamente ela traz a necessidade de afeto em relação aos familiares.

Após várias cenas em que faz o mesmo gesto de tentar demonstrar afeto, um certo dia vejo uma ligação de Mara em meu celular. Não havia atendido a chamada e retornei. Ela diz ter se sentido mal, mas que já estava bem e poderia falar na sessão. No dia da sessão, chorando diz ter sentido muita falta de José e que ficou muito angustiada. Ficou indo e vindo em direção ao quarto de Denis até que entrou e lhe pediu um abraço, Denis correspondeu e logo Mara foi saindo, Denis pede para que ela volte e fique mais um pouco. E desta forma ficaram um bom tempo abraçados.

Disse ter ficado angustiada por causa da lembrança de José, o que é algo normal, faz parte do processo de luto. Então, resolve procurar Denis e o pedido de abraço talvez tenha sido uma forma de compensar a falta de José. Porém, o ato de abraçar toma um outro sentido: na medida em que experimentou pedir o afeto e teve uma resposta positiva de Denis, o abraço os aproxima. O momento de pedir o abraço foi difícil, mas espontâneo e o filho a acolhe em sua dor e carinho, proporcionando um momento especial entre eles.

Cena 3: o átomo social

No momento em que foi solicitada a assinatura de Mara no termo de consentimento livre e esclarecido, ao verificar o tema e os objetivos do trabalho, ela questiona o que seria sociometria⁴. Neste momento decidi propor que fizéssemos algo para que ela compreendesse na ação.

Solicito que feche os olhos e pense em seus relacionamentos de quando começou a psicoterapia e depois de tê-la iniciado. Solicito primeiro que comece a pensar como eram e quem fazia parte de suas relações.

T – Você vai colocar de um lado da sala como eram suas relações ao iniciar a psicoterapia. Coloque uma almofada que represente você no centro e depois represente com as demais almofadas as pessoas que estavam próximas, ou não tão próxima, ou distantes de você.

Mara – Como eu sinto? Como elas estão com relação a mim? Ou como eu vi quando você pediu para eu fechar os olhos?

T – Como você quiser.

Mara – Então vou colocar como eu vi. Primeiro vou colocar José bem aqui perto de mim. Depois minha mãe e depois de minha mãe meu irmão (representado pela letra I). Todos já falecidos, porque foi assim que eu cheguei aqui, eram muitas perdas seguidas.

Representação do Átomo de Mara quando iniciou a psicoterapia:



T – Entre no seu lugar. Como você se sente aí?

⁴ Quando iniciei este trabalho fiquei pensando como realizar a descrição do átomo social. Me recordei das aulas de um professor do curso de Psicodrama em que este dizia que um átomo social não necessariamente precisa ser realizado por meio de almofadas ou outros objetos com o paciente. Um átomo social pode ser pensado a partir da observação que o terapeuta faz dos vínculos do paciente, pois muitas vezes o paciente enche a sala de psicoterapia de almofadas representativas de seus relacionamentos, mas que afetivamente não se relaciona ou vincula com praticamente nenhum deles. Deixei de realizar o átomo social com almofadas como fazia no início de meus atendimentos em psicodrama e a forma com que pensei inicialmente em descrever o átomo social de Mara foi a partir de minhas observações de seus vínculos.

Mara – Com um peso. Foram muitas perdas.

T – Você quer entrar no lugar de alguém ou conversar com alguém?

Mara – Entrar no lugar não, mas estou pensando o quanto eu queria ser como a minha mãe, sempre a achei muito forte e agora não quero mais ser como ela.

T – Venha aqui na frente de sua mãe. Diga para ela.

Mara – Não quero mais ser como você...

T – Terapeuta faz um duplo. Não sou fraca por demonstrar meus sentimentos

Mara – Não. Pelo contrário, tive que ter muita força era como se fosse uma barreira muito difícil de ultrapassar.

T – Terapeuta como duplo. Mas eu consegui e não sou fraca por isso.

Mara – Sim. E até com uma irmã que é muito parecida com minha mãe eu tenho conseguido e percebo que quando sou mais carinhosa com ela, ela também retribui.

Abro parênteses aqui para mencionar dois outros momentos em que Mara consegue perceber que ao demonstrar afetividade os outros retribuem. O primeiro é um momento em que recebe uma festa surpresa dos familiares, diz não esperar que algo assim acontecesse e que ficou muito feliz. Na sessão ela pôde lembrar de que um ano antes ela havia feito uma festa surpresa para um parente e que isto poderia ter sido uma retribuição ao seu gesto. O segundo já foi mencionado anteriormente, que foi o pedido de abraço correspondido pelo filho Denis. Alguns dos relatos de Mara dão conta de que o relacionamento com Denis foi ficando mais afetivo, e Denis por sua vez foi melhorando seu relacionamento com as outras pessoas. Relata momentos em que Denis sai com alguns amigos e que ele tem conversado mais com alguns parentes, fato estes que não ocorriam. No entanto, traz para a sessão que por algumas vezes no momento em que o filho sai com os amigos ela fica doente, diz ter percebido isto e não quer que isto permaneça, pois quer vê-lo bem e sabe que isto é prejudicial.

Mara decide conversar também com José e de um modo geral diz que ficou por muito tempo procurando resposta, que atualmente percebe que não tem como ter

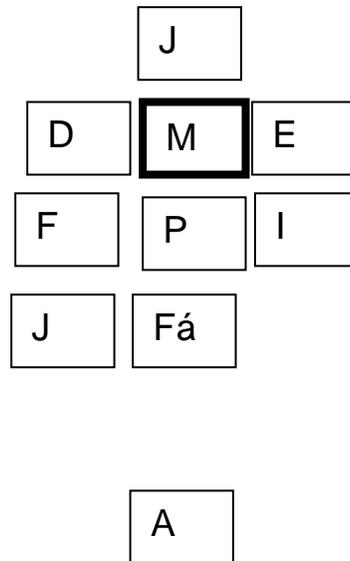
resposta para tudo. Com o irmão tem um diálogo curto. Por motivos de tempo e por não perceber uma necessidade significativa no diálogo, a terapeuta não se alongou.

Átomo social de Mara atualmente

Terapeuta propõe que Mara demonstre da mesma forma como ela via os relacionamentos atualmente. Ela olha para como fez anteriormente e fica confusa e diz eu fiz estranho, ficou uma fileira e aqui estou pensando diferente. E questiona novamente como é para fazer. Terapeuta explica da mesma forma, mas ela continua confusa. Então, terapeuta diz: pense em um jogo de dardo, tem um alvo no centro e vários círculos, no primeiro círculo ficam aqueles em que você sente proximidade, no segundo círculo os que você não tem tanta proximidade e no último os que você não tem ou não quer nenhuma proximidade. Diz: então vou fazer como estou pensando, na verdade é como eu tinha pensado.

Mara – Primeiro vem a Ester (neta recém-nascida), depois o Denis, depois minha família (terapeuta diz que pode representar com uma única almofada toda a família ou pode representar cada um com uma almofada. Diz querer representar todos com uma única almofada). Depois Paulo. Diz: mas o José ainda está presente. Represente-o, então. Vou trazer todos: José, minha mãe (representada por Fá), e meu irmão e Joana minha irmã que é parecida com minha mãe. E eu vou colocar Antônio aqui é quem eu quero bem longe.

Representação do Átomo atual.



T – Entra no seu lugar como você está se sentindo?

Mara – Aqui me sinto bem.

T – Você gostaria de falar com alguém daqui?

Mara – Com a minha netinha. Mesmo que você esteja longe, quando você chegou me senti completa...

T – Gostaria de falar com mais alguém.

Mara – Com Denis.

Mara diz que já pensou em contar uma história para o filho. A história de um modo geral fala das dificuldades de quando Denis nasceu: sentiu como se (não me recordo ao certo se Mara diz que ele era um sol ou um anjo) – mas diz que sua vida se iluminou com seu nascimento. Neste momento questiono o porquê não fala isso para ele pessoalmente e Denis diz que pensaria em falar.

Terapeuta solicita que olhe de longe e veja o que ela percebe nos dois momentos de sua vida. Responde que no primeiro momento em que chegou a psicoterapia tudo estava em uma única direção e no segundo momento não. Terapeuta

diz que no primeiro momento o vínculo e os sentimentos tinham uma única direção e atualmente ela pode circular seus vínculos e sentimentos. Mara diz que pensou exatamente isto, e que ainda é somente a família, mas que já consegue ver a diferença. Ao olhar os dois momentos de seu átomo social diz: “hoje vejo que antes eu convivía com estas pessoas e agora eu vivo com elas”

Observações do terapeuta:

No momento em que solicito a Mara a realização do segundo átomo social no presente fiquei me perguntado: “Será que influenciei o átomo atual de Mara? Pois não tenho o hábito de utilizar o exemplo do alvo para exemplificar a forma de realização. Será que o fato de não ter exemplificado o átomo da mesma forma no primeiro momento, causou alterações? Pensando mais ou pouco... porque Mara não teve tais dúvidas para a realização no primeiro momento, fez de pronto sem muitos questionamentos? O que fez com que Mara tivesse tantas dúvidas a ponto de ter que ser modificada a forma de explicar como realizar seu átomo social atual? Uma das falas de Mara foi “ali – apontando para o primeiro átomo – fiz daquela forma, mas agora não estou pensando igual. Será que as dúvidas de Mara não foram exatamente pelo fato de que a forma como era seu átomo social não a satisfaz mais?” Isso será retomado no capítulo sobre Análise e discussão.

Refletindo um pouco mais nas relações de Mara atualmente é possível observar as mudanças que ocorreram. Mencionei mais a relação dela com Denis, pois este é quem está mais próximo fisicamente. No entanto, ela tem relatado a diferença que vem ocorrendo em sua relação com Paulo também, toda conversa que eles têm são por meio de videoconferência, entretanto, mesmo à distância o vínculo tem se tornado mais fortalecido; ela tem dito ao filho que o ama e Paulo por sua vez tem retribuído, à sua maneira, a nova forma de se relacionar com a mãe. É possível perceber tal mudança no momento de um relato de Mara que quando Paulo soube que iria ser pai contou ao irmão Denis, mas disse que ele mesmo queria contar para a mãe, que não era para o irmão contar e assim ocorreu. Denis disse à mãe que Paulo queria falar com ela e após Denis colocar a mãe na conversa online com o irmão, ele deu a notícia.

Outro momento mencionado é a relação com um tio; diz que se sentia muito bem em sua casa, tanto o tio quanto a tia eram afetuosos, mas o tio era mais rígido e ela sempre teve medo dele. Entretanto, ela diz que hoje consegue ver a diferença entre respeito e medo, pois ela tinha muito medo de sua mãe que sempre que ela fazia algo que a mãe considerava errado batia nela e o tio nunca bateu nela, nem nos filhos, mas sempre dizia o que era certo e errado a se fazer; ele era firme e impunha respeito; tinham regras na casa, mas em nenhum momento havia agressão. Diz que atualmente percebe que tinha medo de sua mãe e que tinha respeito pelo tio, mas que na época não via desta forma, achava que era medo. Provavelmente Mara sentira medo realmente pelo tio, uma vez que toda relação que tivesse uma característica mais firme, de correção, ou melhor, de educar e apontar os erros para que se aprendesse gerava nela a angústia de punição física, e atualmente ela tem podido repensar a diferença existente entre o medo e o respeito.

No processo de psicoterapia fala um pouco também de uma vizinha que ela considerava uma pessoa afetuosa e que gostava muito de estar próxima. Descrever o desenvolvimento de todas estas relações são de suma importância para pensarmos o resgate do papel de mãe de Mara, ao qual falaremos adiante.

São muitos os aspectos dos quais poderíamos descrever neste estudo de caso como, por exemplo, o luto, a ideação suicida que apareceu em vários momentos. No entanto, foi decidido escrever sobre seus vínculos, pois fica claro o quanto tais aspectos estavam relacionados com a dificuldade no contato afetivo.

7 - ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como podemos observar no decorrer deste trabalho a matriz de identidade é para Moreno a placenta social da criança, é o *locus* onde ela mergulha suas raízes e que lhe proporciona segurança, orientação e serve como guia (Moreno, 1974). É de acordo com o que a criança recebe do meio em que vive, do clima vivido neste meio, ou seja, de sua Matriz de Identidade, que a criança vai se reconhecendo como semelhante aos demais e como um ser único, idêntico a si mesmo (Gonçalves *et al* 1988). Diante dessas colocações podemos notar no desenvolvimento e na Matriz de Identidade de Mara que o clima vivido, as cenas relatadas por ela em relação às agressões realizadas por sua mãe, são de extrema violência, gerando medo de se vincular. A tentativa frustrada de abraçar a mãe gera em Mara o medo de oferecer novamente afetividade, pois para ela tal tentativa poderia gerar novas frustrações.

É na primeira fase do desenvolvimento infantil segundo Moreno, que a criança vive uma experiência totalizadora em que acredita ser ela e a mãe uma única pessoa. A criança não tem a condição de reconhecer a diferença entre o Eu e o Tu, tudo faz parte de um todo. Esta fase é denominada de simbiose (Fonseca, 1980) e é um processo natural para a criança, pois ela de fato é dependente dos cuidados da mãe. No entanto, a permanência desta ligação ou o não desligamento definitivo poderá acarretar traços de personalidade em que a pessoa não conseguirá formar sua identidade pessoal completa, ou seja, no decorrer do desenvolvimento tal ligação passa para o campo não mais da necessidade fisiológica, mas sim da dependência psicológica (Fonseca Filho, 1980).

Mara busca constantemente ser parecida com a mãe, para ela a mãe sempre agiu com violência por causa das condições de vida que viviam e por causa das agressões constantes que vivia com o marido, o seu pai. Acreditava que a mãe era uma pessoa forte, no entanto, a força que Mara atribuía à mãe advinha de sua não demonstração de afetividade. Nery (2014) fala sobre a lógica afetiva de conduta, que são as marcas afetivas que resultam dos primeiros vínculos. Tais marcas bloqueiam o desenvolvimento psicológico e a livre expressão do indivíduo e tornam sua conduta repetitiva, massificada e irracional em determinadas circunstâncias e vínculos. Mara

não consegue realizar outra forma de vínculo que não seja igual ao que teve com sua mãe, em que a única forma de se vincular é não demonstrando afetividade, pois para ela quem demonstra afetividade é fraco. Atribui força à frieza e distanciamento, e afeto à fraqueza. Segundo Moreno (1993) na conserva cultural um determinado comportamento pode tornar-se estagnado, pode não ocorrer mudanças, não haver criatividade e espontaneidade que seria a condição que um indivíduo tem de dar uma resposta adequada a uma nova situação ou uma nova resposta a uma situação antiga. Um indivíduo espontâneo teria condição de observar seus vínculos, seu sistema sociométrico, suas escolhas e seu papel no presente e em constante evolução. Desta forma, Mara ao se relacionar com Antônio segue a lógica afetiva de conduta no papel conservado de que forte é quem não demonstra afetividade e transfere por meio do efeito cacho de papéis esta lógica para os demais papéis de sua vida, gerando assim relação em que não se pode demonstrar sentimentos e afetos. Isto ocorre também porque há nessa relação a presença da transferência, onde se projeta as vivências do passado no presente, causando assim distorções; não há a tele que para Moreno seria a mútua percepção entre duas pessoas no exato momento em que se encontram, sem as interferências do passado, mas no aqui e agora da relação (Garrido Martín, 1996).

As interferências do passado podem permear a vida de um indivíduo de forma coconsciente e coinconsciente. No estado coconsciente segundo Knobel (s/d) seriam as lembranças das histórias de vida como constituinte da identidade de cada indivíduo. Já no estado coinconsciente seria o que cada pessoa viveu, ouviu falar, soube um dia e não se lembra mais ou pode nunca ter sabido. No entanto, faz parte das experiências de todas as pessoas significativas do campo relacional do indivíduo. Mara age com Paulo exatamente como sua mãe agia com ela e seus irmãos; existia uma única direção de sentimentos depositados, uma única pessoa com a verdade, uma única pessoa que recebia todo o afeto, que era sua irmã Roselita. Na relação com Antônio os aspectos coinconscientes também são percebidos, pois Mara diz por muitas vezes, que ele como namorado foi muito carinhoso e não imaginava que seria agressivo como marido, porém, ao longo da terapia ela vai percebendo que Antônio sempre foi agressivo, tendo piorado sua conduta após o casamento. Os indícios de agressão já estavam presentes no período de namoro, como por exemplo, na relação sexual que ela dizia que era boa,

mas que atualmente consegue perceber que desde a primeira vez foi agressiva. Mara não consegue perceber a violência de Antônio em relação a ela, assim como não percebia as agressões de sua mãe em sua direção. Por muitas vezes disse que ela era agressiva somente com seus irmãos, mas com ela não tinha sido. Os relatos em relação à mãe conforme já mencionado, é de que estava tudo bem - o que a mãe fazia era assim mesmo, era a situação que viviam que fazia com que ela agisse como agia. Ou seja, justificava a conduta materna tal como a sua e não compreendia o significado que determinadas atitudes produziam nas relações.

Quando se referia aos filhos, Paulo e Denis, dizia no início dos atendimentos que estes eram distantes dela, não demonstravam afetividade e que o único filho carinhoso era José. Ele era o filho que se sentava à mesa com ela e a elogiava. Ela se sentia segura nesta relação, pois José era quem demonstrava seus sentimentos a deixando livre para assim ter o que buscou na relação com a mãe e não conseguiu. Entretanto, diante deste vínculo totalizador, Mara não conseguia fazer a circularização de seus sentimentos e afetos - toda demonstração de sentimento ficava depositado em José. A marca que ficou em Mara após o empurrão da mãe em sua tentativa de demonstrar afetividade fez com que ela criasse a lógica afetiva de conduta que somente era forte quem não demonstrava seus sentimentos e desta forma Mara não pode demonstrar seus próprios sentimentos na tentativa de agradar e ser igual a mãe. Assim, não há o Encontro que seria para Moreno (1974) o Encontro entre duas ou mais pessoas, com os seus diversos papéis, para viver e experimentar-se mutuamente, diante de suas fraquezas e forças, com toda sua espontaneidade. Mara não pode experimentar aquilo que acreditava ser uma fraqueza (o afeto) e no decorrer de suas relações somente demonstrou minimamente seus sentimentos quando o outro demonstrava em primeiro lugar, gerando assim relações simbióticas ou triádicas e nunca circulantes.

Para Fonseca Filho (1980), para o adulto, tanto a relação simbiótica quanto a relação triádica são patológicas, pois não há a possibilidade de circular as relações e os vínculos. Na relação triádica a criança começa a reconhecer relações que não são exclusivas a ela, há um terceiro que entra na relação e pode causar o que o autor denominou de crise da triangulação, ou seja, ao entrar um outro na relação dual a criança sente como se tivesse perdido, como se tivesse sendo roubada e dependendo

de como ocorreu a comunicação, o desfecho pode ser saudável ou não. No desfecho saudável a criança compreende que o outro tem relações independentes dela e que isto não implica em perda ou prejuízo de afetividade. Mara no decorrer da terapia começa a demonstrar seus sentimentos aos filhos e familiares, vai deixando de temer ser frustrada quanto à expectativa do retorno do afeto demonstrado, no entanto, permanece o medo da perda da afetividade no momento de inclusão de um terceiro na relação. Quando Denis começa a se tornar independente em suas relações, começa a conversar mais com familiares e a sair com amigos, Mara adoece para que o filho não saia e tal condição é percebida por ela ao trazer o conflito para a terapia. Estava em busca de compreender o que estava acontecendo, pois sabia que isto não era saudável e não gostaria que isso continuasse acontecendo, queria ver o filho bem e com amigos. Tal fala de Mara demonstrou que sua condição de se perceber nas relações vem sendo adequada, os receios de perda dos vínculos permanecem, mas já com a condição de reconhecer que não pode ter o outro somente para si.

As sessões psicodramáticas descritas na apresentação do caso foram de modo geral cenas em que se buscou com que Mara pensasse e entrasse em contato com sua rede sociométrica. Tinha o intuito de ver em quais relações podia demonstrar sua afetividade sem se sentir frustrada com a reação do outro. Já discuti um pouco sobre as reações de Mara diante das cenas em que diz querer abraçar os filhos e familiares, e após muitas deste tipo demonstra o quanto quer mudar sua conserva e lógica afetiva de conduta de não poder demonstrar seus sentimentos e de pedir afeto ao outro. Primeiro pede ao seu filho Denis um abraço (ainda que angustiante para ela neste primeiro contato) o pedido é correspondido e mais do que isto, ele quer mais, diz no momento do pedido para Mara ficar mais um pouco abraçado. Aqui se dá início à quebra da conserva e da lógica afetiva de conduta, pois muitas outras cenas vieram após esta, como por exemplo: uma festa oferecida por Mara a um parente e correspondida posteriormente a ela com uma outra festa surpresa; as falas de Mara para com o filho Paulo de que o amava, que faz com que ele também pudesse demonstrar seu afeto, podemos perceber na diferença que ocorreu no momento em que Paulo quer dar a notícia da gravidez de sua esposa diretamente para a mãe e não mais como ocorreu no dia de seu primeiro casamento, em que a notícia foi dada por Josefa, avó de Paulo.

Esse fato mostra como o seu lugar de mãe acaba ocupando um novo *status*, ela agora é mais considerada. Outro fato que demonstra a quebra da conserva é que em alguns momentos o filho Denis ainda é ríspido e reservado com ela, mas mesmo assim ela continua demonstrando seus sentimentos em relação a ele. Aqui Mara tem a possibilidade de demonstrar sentimentos positivos em direção a uma pessoa mesmo que esta não retribua; consegue perceber que tal demonstração pode ser momentânea e que às vezes o outro se afasta para ficar só, consigo mesmo e não porque a rejeita. Ela diz em relação ao filho: *“Acho que as vezes ele está cansado por causa do trabalho e da faculdade, então o deixo quieto, mas mesmo quando ele não quer eu procuro dar um beijo e um abraço.”* Percebe-se que há uma ambiguidade em sua fala e ação, porém, não deixa de ser um avanço em seu papel de mãe – apesar de ainda atrapalhada, *ensaia* nova forma de ser mãe, experimenta novas possibilidades na relação com o filho. Está desenvolvendo seu papel, fazendo *role playing*.

Um outro momento em que é possível perceber que Mara começa à circular suas relações é quando comparamos seu átomo social no início da psicoterapia e depois. No átomo social inicial de Mara fica clara a relação simbiótica que ela tem com José, ainda que tenha dito que apresentava somente suas perdas: José, sua mãe e seu irmão. De todos os falecidos, o único que está perto dela é José. No decorrer dos relatos e na representação gráfica de seu átomo inicial fica claro que a relação entre ela e esse filho era uma relação simbiótica. À despeito das dificuldades que ele tinha (uma personalidade borderline, dependência química e o suicídio), a dependência entre eles era mútua. Parece que José ocupava um lugar na família e na relação com ela de ser aquele que carregava os conflitos e demonstrava os afetos, sejam eles positivos ou negativos. Dessa forma, Mara se complementava nessa relação, ele era a expressão de seu afeto – os positivos e negativos. Com o seu falecimento, há uma ruptura nessa complementaridade patológica e, ao invés de Mara ‘sucumbir’ no seu processo de luto, procura a psicoterapia e tem a possibilidade de rever sua vida, seu lugar na família e como tem se relacionado com as pessoas ao seu redor.

No segundo átomo, o atual, a mudança se revela, pois ela começa a ter condições de circularizar as relações. Seu átomo social toma outra forma e ela aponta com clareza o lugar que ocupa na família, bem como onde coloca afetivamente cada

familiar. Mara ainda não consegue formar redes, mas é possível perceber em sua fala no momento em que olha em espelho seu átomo atual e diz: *“Ainda é só minha família, mas já percebo a diferença”* o desejo é de que tal configuração se amplie e que novas relações sejam estabelecidas favorecendo um aumento da sua rede sociométrica.

Conforme mencionado anteriormente a evolução de Mara em seus vínculos vem sendo construída gradativamente, pois se trata de uma paciente que está em processo psicoterapêutico, mas sua evolução vem ocorrendo de forma visível e podemos observar diante de sua evolução sociométrica (ainda que apenas observado na expansão de seu átomo familiar). Podemos perceber o quanto seu papel de mãe vem sendo fortalecido e vivenciado com maior prazer em estar nestes vínculos, com menos medos e angústias. Resgatar todas as relações de Mara são de suma importância no processo de aprendizado do seu papel de mãe, pois inicialmente fica claro as identificações que ela tem com sua mãe que é forte por não demonstrar seus sentimentos: quem demonstra sentimentos são os fracos e ela queria ser forte assim como a mãe. Resgatar as outras mães e pais, como a vizinha que era afetuosa, a tia, o tio que era rígido e impunha limites, mas que era afetuoso, a irmã/mãe boa que ensinava sem agressão) rever estes vínculos que lhe proporcionou momentos de cuidados e afetos vem fazendo com que Mara ressignifique seu papel de mãe dentro de sua família, um papel que possa ser mais afetuoso com sentimento circulantes e não mais simbiótico como era.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente aos objetivos propostos foi possível concluir que ao facilitar a circularização de vínculos, Mara vem resgatando seu papel social de mãe na família. Uma vez que ela vem deixando gradativamente de formar relações simbióticas e triádicas para formar relações circulantes em que possa demonstrar seus sentimentos e afetos a todos os que fazem parte de seu meio sem o receio da perda ou da frustração diante do retorno negativo do outro. Ela tem percebido que nem todos recusarão afeto e que ainda que se recuse, tal recusa pode ser momentânea e não definitiva como o que ocorria em sua relação com a mãe. É possível perceber o quanto ao longo do processo terapêutico as transferências, as conservas e as lógicas afetivas de conduta de Mara foram se dissipando e dando lugar às relações mais télicas, no aqui e agora de suas relações e vínculos e desta forma ela tem podido realizar o Encontro. E isso sem as misturas de seu passado, que implicam em perdas de vínculos, pois a ideia conservada na lógica afetiva de sua conduta em que só se é forte quem não demonstra afeto, acabava por afastar Mara de seus filhos, familiares e de todos que pudessem fazer parte de suas redes sociométricas.

Resgatar a espontaneidade e criatividade dos vínculos e do desejo de Mara de se vincular, desejo este que foi perdido no momento em que oferece afeto a mãe e recebe um empurrão, vem favorecendo a reorganização sociométrica de seus papéis, sendo possível observar na diferença entre seu átomo social no momento em que iniciou a psicoterapia e em seu átomo social atual. Aqui podemos pensar que em um teste de espontaneidade Mara tem respondido de maneira nova a velhas situações, pois ao demonstrar seus sentimentos, e dizer não quer mais ser igual a mãe tem tido a possibilidade de entrar em contato com suas próprias necessidades. Necessidades de ser pertencente a uma rede sem deixar de se identificar consigo, com suas necessidades de afeto, carinho e amor. Sendo assim tem podido ser pertencente a uma rede, esta rede cósmica de seres humanos que necessitam de amor e afeto para sua sobrevivência.

O estabelecimento de redes sociométricas é algo que ainda está no plano da expansão de seu átomo social, pois os vínculos trazidos por Mara tanto na exposição

gráfica de seu átomo como em seus relatos ainda permanece no campo familiar em sua matriz de identidade. No entanto, na fala de Mara no momento de realizar o átomo atual fica claro seu objetivo de expandir seu átomo para redes sociométricas, quando ela diz: “ainda é somente minha família, mas já vejo a diferença”.

Na história de vida de Moreno podemos perceber o quanto a matriz de identidade lhe foi importante para o desenvolvimento da socionomia. O quanto o fato de sua mãe lhe atribuir este lugar de Deus, de alguém que poderia mudar o mundo, fez com que Moreno desenvolvesse uma teoria que assim pensa o homem, como um Deus criador. Moreno pensa o homem como sendo criativo e espontâneo desde seu nascimento, esta disposição a criatividade e espontaneidade é para ele a centelha divina de todo ser humano. Moreno concebe o homem como um ser sempre em relação, ao aproximar o homem da figura divina Moreno quer dizer que Deus e homem dependem um do outro, para ele um é o Diretor e o outro o ego auxiliar, coloca o homem como criador e transformador de sua própria vida.

O que seria de Deus sem o homem? O que seria de Moreno sem Paulina? Ou como seria Moreno sem o apoio e as crenças que sua mãe lhe depositou? Ou ainda o que seria de Mara sem as marcas deixadas em seu desenvolvimento, em uma matriz tão violenta? Todas estas são respostas difíceis ou até mesmo impossíveis de responder, pois assim como se propõe a própria socionomia, somente podemos viver o aqui e agora, o amanhã não nos pertence ainda e o ontem foi passado, não poderemos muda-los lá, mas talvez aqui de onde estamos hoje. Neste aspecto Mara vem fazendo suas escolhas de viver o aqui e agora podendo pensar em suas relações e o que quer delas, e demonstra tal disposição em sua fala “hoje não mais convivo com essas pessoas, hoje eu vivo com elas”.

9 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. C. Inconsciente e Co-inconsciente. *In:* ALMEIDA, W. C. *Psicoterapia Aberta-formas do encontro.* São Paulo: Ágora, 1988.

BUSTOS, D. M. O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática. Trad. Lúcia de Neves e Ruth Rejtman. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2005.

BUSTOS, D. M. O TESTE SOCIOMÉTRICO: FUNDAMENTOS, TÉCNICA E APLICAÇÕES. Trad. Antonio Marcello Campedelli. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CAMARGO, L. Orientação Profissional: Uma experiência psicodramática. São Paulo: Ágora, 2006.

CUKIER, R. Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002. *Apud* MORENO, J.L. *O teatro da espontaneidade.* São Paulo: Summus, 1984.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Coord. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILIPINI, R. Psicoterapia psicodramática com crianças: uma proposta sacionômica. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2014.

FONSECA FILHO, J. S. Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

FOX, J. O essencial de Moreno: Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.

GARRIDO MARTÍN, E. Psicologia do encontro: J. L. Moreno. Tradução: Maria de Jesus A. Albuquerque. São Paulo: Ágora, 1996.

GONÇALVES, C. S. WOLFF, J. R. ALMEIDA, W. C. Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora: 1988.

KAUFMAN, A. **Teatro Pedagógico: Bastidores da iniciação médica.** São Paulo: Ágora, 1992.

KAUFMAN, F. G. **O Teste sociométrico.** In: MONTEIRO, R. F. (Org.). *Técnicas Fundamentais do Psicodrama.* 2. ed. São Paulo: Ágora, 1998.

KNOBEL, A. M. A. A. C. **Átomo social: o pulsar das relações.** In: PAMPLONA DA COSTA, R. (Org) *Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI.* São Paulo: Ágora, 2001.

KNOBEL, A. M. A. A. C. **Em tempo presente: O co-inconsciente.** Disponível em <http://api.ning.com/files/7I7*fFYfXt1ET2e3lhR8tjTjg365*8CaqVZs0QmCwnc36wRoPMhma-PQW9SuGhVnitAo6GK7EoRcWU4ieoy*FxYaD4ZnBAgX/Artigocientfico496Emtempopresenteocoinconsciente.pdf> acessado em: 04/05/2014. S/D

MARINEAU, R. F. **Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo.** Trad. José de Souza Mello Werneck. São Paulo: Ágora, 1992.

MENEGAZZO, C. M. *ET AL.* **Dicionário de Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1995.

MORENO, J.L. **Psicodrama.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MORENO, J.L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** Trad. Dr. Antônio C. Mazzaroto Cesarino Filho. Campinas/SP: Editorial Psy, 1993.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante.** Trad. Moisés Aguiar. São Paulo: Daimon, 2008.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: Descolonizando o imaginário.** São Paulo: Flexus, 1997.

NERY, M. P. Capítulo – 1 – **Teorias do vínculo e dos papéis: um estudo dialético da personalidade.** Monografia – *Tele e Transferencia*”. Disponível em <http://www.febrap.org.br/pdf/teorias_vinculo_dos_papeis.pdf>. Acesso em: 08.03.2015.

NERY, M. P. **Vínculo e afetividade: caminho das relações humanas**. 3. ed. rev. – São Paulo: Ágora, 2014.

OTANI, N.; FIALHO, F. A. P. **TCC: métodos e técnicas**. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Visual Books, 2011.

PAMPLONA, V. L. **Mulher, Parto e Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1990.

PERAZZO, S. **Ainda e Sempre Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1994.

PERAZZO, S. **Psicodrama: o forro e o avesso**. São Paulo: Ágora, 2010.

RAMALHO, C. M. R. **Psicodrama e Dinâmica de Grupo**. Aracaju: 2010. Disponível em: http://profint.com.br/artigos/psicodrama_e_dinamica_de_grupo.pdf>. Acesso em: 07.03.2015.

REÑONES. A. R. Imaginário, co-consciente e co-inconsciente. *In*: REÑONES. A. R. **O imaginário grupal, mitos violência e saber no teatro de criação**. São Paulo: Ágora, 2004.

RICOTTA, L. C. A. (Org) **Cadernos de psicodrama: psicodrama nas instituições**. São Paulo: Ágora, 1990.

RICOTTA, L. C. A. (Org) **O vínculo amoroso: a trajetória da vida afetiva**. São Paulo: Iglu, 1994.

SANTOS, C. R. NORONHA, R.T.S. Projeto de Pesquisa. *In*: Monografias Científicas-Tcc-Dissertação-Tese. São Paulo: Avercamp: 2005.

SILVA, R. T. **Teste de espontaneidade ou “treinamento” para a Espontaneidade**. *In*: MONTEIRO, R. F. (Org.). **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1998.

YOZO, R. Y. K. **100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. 19. ed. São Paulo: Ágora, 1996.

10 - ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: O RESGATE SOCIOMÉTRICO DO PAPPÉL DE MÃE NA FAMÍLIA.

Eu, _____, Idade _____, número do RG: _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob responsabilidade dos pesquisadores Luciane dos Santos e Orientador Rosalba Filipini, membros do Curso de Pós Graduação Lato Sensu do Convênio SOPSP-PUC “Formação em Psicodrama”. Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo do estudo é o de resgatar o papel de mãe na família como forma de reestabelecimento de vínculos.
2. Durante o estudo serão aplicados os métodos de estudo de caso a partir da pesquisa-ação.
3. Estou ciente de que minha participação nesta pesquisa será contribuindo para estudos que envolvam a metodologia psicodramática e a sociometria, trazendo benefícios para futuras pesquisas nesta área.
4. Obtive todas as informações necessárias, para poder decidir conscientemente sobre minha participação na referida pesquisa.
5. Estou livre para interromper a qualquer momento, minha participação na pesquisa.
6. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo, bem como os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho que estão expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.
7. Poderei contatar a Sociedade de Psicodrama de São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa, através do telefone (11) 3284-4067 ou pelo e-mail: capci.psico@sopsp.org.br.

8. Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo Prof^a. Dr^a Rosalba Filipini, sempre que julgar necessário pelo telefone (11) 3284-4067.

9. Este Termo de Consentimento foi confeccionado em duas vias, sendo que uma via permanecerá em meu poder e a outra com o pesquisador responsável.

São Paulo, 12 de Maio de 2015.

Assinatura do Participante

Assinatura do Orientador

Assinatura do Pesquisador